

SEMANA DE ORAÇÃO DOS JOVENS

As mensagens da Semana de Oração dos Jovens Adventistas, que decorrerá de 8 a 15 de Março, da autoria do pastor William Johnson, apresentam facetas reais e pouco comuns da vida de Jesus. O pastor Johnson durante esta semana conduz-nos por sendas pouco conhecidas dos Evangelhos que nos levam a descobrir um Jesus da actualidade, ou seja Aquele que deseja agir em nossas vidas hoje.

A maioria de entre nós tem sido o que o autor chama «Cristãos de Tarefa», isto é, que seguem uma religião de segunda mão, ensinada, quase que ditada pelos outros e não experimentada. Os jovens, particularmente, reagem contra este cristianismo estático, e ainda bem que assim acontece. Segue-se uma busca do real, do sentido profundo do cristianismo, através de uma multiplicação de esforços na luta contra o mal. Impõe-se o dinamismo. É como que uma janela que se abre aclarando uma paisagem maravilhosa e cheia de frescura. O ar puro entra numa rajada dando-nos o desejo de sair, caminhar, correr, gritar, transformar o mundo.

O envolvimento nesta corrida nem sempre nos satisfaz. Afinal parece que o dinamismo também não resulta. As circunstâncias do ambiente, o comportamento dos outros e um pouco, às vezes admitimos, os nossos defeitos impedem-nos. Hesitamos. Para quê avançar? Não vale a pena prosseguir neste movimento, nesta corrida que a nada conduz...

O pastor William Johnson experimentou estas corridas falhadas, porque contou exclusivamente em suas próprias forças. Ele mostra-nos Jesus, o impulsionador experimentado, o guia seguro, não só campeão, mas capaz de nos transmitir o entusiasmo, a força e a certeza da vitória pessoal e colectiva, de toda a equipa.

Seguir as mensagens da Semana de Oração dos Jovens para 1980 é fazer uma nova experiência que nos leva a banir as reticências e dúvidas. Apressemos-nos, sem hesitação, como nos convida o pastor Johnson, a calçar os nossos «ténis» e a participar nesta corrida que nos leva bem longe e terminará em apoteose.

Que esta Semana de Oração seja uma nova experiência para cada jovem que o torne vitorioso sobre o pecado e isso contribua para a renovação espiritual em cada igreja.

JOAQUIM DIAS

Director do Departamento dos Jovens

- Semana de Oração dos Jovens
- Uma Semana Decisiva
- Sábado — **A Corrida Milagrosa**
- Domingo — **O Libertador**
- Segunda-Feira — **O Senhor**
- Terça-Feira — **O Irmão**
- Quarta-Feira — **Deus Revelado**
- Quinta-Feira — **O Homem da Cruz**
- Sexta-Feira — **O Rei**
- Sábado — **Para a Meta**

Revista Adventista

Publicação mensal

MARÇO DE 1980
ANO XLI N.º 402

Director: ERNESTO FERREIRA

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção
e
Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º
Telefone 251 08 44
2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:

ETAG - Estúdio Técnico de Artes Gráficas
V. Travelho — P. Mós

Preços:

Assinatura Anual 100\$00
Número avulso 10\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

UMA SEMANA DECISIVA

Estamos chegados a mais uma Semana da Juventude, semana que de maneira nenhuma se pode considerar banal no calendário adventista.

A sua importância corresponde ao valor da juventude a que se destina. É que os jovens, além de formarem o mais belo canteiro do jardim da igreja, constituem um desafio para o trabalho missionário da mais alta qualidade. Esperança do futuro da igreja, representam desde já uma força viva dentro da mesma. Na realidade, são eles o mais opulento viveiro de seus elementos activos.

A Igreja não pode permanecer indiferente para com os seus jovens. Talvez que Pedro se encontrasse entre os que impediam que os pequeninos se aproximassem de Jesus. Na sua experiência religiosa faltava-lhe algo que lhe permitisse compreender e interessar-se pela juventude — faltava-lhe a conversão. Por isso lhe disse o Mestre: «Quando te converteres, confirma (fortalece, anima) os teus irmãos.» Luc. 22:32. E entre esses irmãos quem se encontrava? Os membros mais novos do rebanho. Essa a razão por que lhe foi dito: «Apascenta os Meus cordeiros.» João 21:15.

Escreve E. G. White: «Nada é mais importante do que a educação de nossas crianças e jovens. A igreja deve despertar e manifestar um profundo interesse por eles.» —Conselhos aos Professores, pág. 165.

Mas não é só a Igreja que deve interessar-se pelos jovens. Eles próprios devem examinar em que estado se encontra a sua relação pessoal com Deus. Como sucedeu com o mancebo rico, a quem Jesus amou, Jesus ama a todos os jovens de hoje. Notemos, porém, que quando aquele mancebo se retirou do Mestre por não querer pagar o preço do seu discipulado, «retirou-se triste». Mat. 19:22. O mesmo sucede hoje com cada jovem que rejeita a oferta do amor do Salvador.

O que é trágico é que, em vez de desfrutar a felicidade que esperava, longe de Jesus o jovem depara com a insatisfação de espírito e com um senso de frustração perante o verdadeiro sentido da vida. É que «há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte». Prov. 14:12.

O seguir a Jesus não corresponde a uma mutilação do que há de melhor no ser humano, como tantos jovens são tentados a pensar. Pelo contrário, «Deus não manda que os jovens tenham menores aspirações. Os elementos de carácter que tornam o homem bem sucedido e honrado entre os homens — o desejo irreprimível de algum bem maior, a vontade indomável, o esforço tenaz, a incansável perseverança — não devem ser esmagados.» —Mensagens aos Jovens, pág. 22.

Que durante esta Semana a Igreja se interesse dum modo especial pelos seus jovens — visitando-os, mostrando-lhes amor, orando por eles. E que, por sua vez, os jovens façam a sua decisão definitiva de seguir e servir o Mestre, de se empenharem na Obra mais nobre que jamais foi confiada aos homens na hora mais decisiva da história do Mundo.

ERNESTO FERREIRA

A CORRIDA MILAGROSA

por

WILLIAM G. JONHSON

Gosto de correr. Foi o meu filho Terry, de 17 anos, quem me pegou o gosto: Ele entrou para um clube de corridas há um ano e desde então tem feito a sua parte correndo regularmente. Em breve estava a competir em dez e até quinze quilómetros. Continuamente elogiava as virtudes das corridas e o seu entusiasmo foi contagiado.

Foi assim que apanhei o bichinho de correr. (Julie, a minha filha de 15 anos, apoiava e estimulava a causa. Cada vez que eu pedia segunda dose de sorvete ela dizia: «Paizinho! Nem mais um pouco a menos que comece a correr!» Assim que poderia eu fazer?) Agora as minhas sapatilhas vão comigo em todas as viagens de serviço e estudo e comparo os «tempos», os exercícios de aquecimento e conselhos em como fazer os mil e quinhentos metros em oito minutos. E, terei que o dizer, encontro-me mais leve dez quilos e dez toneladas mais contente por fazer assim.

Talvez seja por isto que a história da corrida milagrosa tenha tão grande impacto em mim. Tem sido chamada a maior corrida do século vinte, até mesmo a maior corrida de todos os tempos. Nesta corrida estavam os dois corredores mais rápidos do mundo de então. A história reza assim:

Vancouver, Canadá, 1954: Apenas dois homens haviam alguma vez quebrado o recorde da milha em quatro minutos. Essa barreira resistiu aos maiores esforços do corpo humano por mais de meio século. Médicos proclamaram abertamente que era impossível ao corpo humano correr uma milha em quatro minutos. Mas outro médico ia provar-lhes o seu erro. E assim o fez: nos princípios do ano de 1954 o doutor Roger Bannister da Inglaterra fez pascar o mundo desportivo, batendo o antigo tempo. Em poucos meses houve um outro abalo. Um professor de cabelos escuros, de Melbourne, Austrália, John Landy também conseguiu quebrar a barreira numa milha em quatro minutos e melhorou o tempo de Bannister. Muitos começaram a dizer: «Bannister e Landy têm que fazer uma corrida. São os homens mais rápidos deste mundo!» E assim foi em Vancouver, no verão de 1954.

Gostaria de ter visto a corrida milagrosa mas estava muito longe (na Austrália) quando a corrida se realizou. Mas vi um filme dessa corrida. É ver-

dadeiramente empolgante — e é só por quatro minutos!

A tática habitual de Landy era correr à frente de todos. Ia para a frente e ficava lá sempre, impedindo que os outros lhe passassem à frente com a sua passada rápida, constante e prolongada. Assim fez também neste dia. Logo conseguiu ir para a frente e foi ali que ficou até ao fim da corrida.

As bancadas estavam superlotadas. O barulho era ensurdecedor aumentando de cada vez que os tempos eram anunciados em cada quarto de milha. O primeiro quarto de milha — menos de um minuto; meia milha — menos de dois minutos; três quartos de milha — menos de três minutos. Todos os presentes sentiam a emoção, o facto histórico de serem estabelecidos novos recordes mesmo diante dos seus olhos.

Tudo igual para a última parte. A meta está já à vista, Landy está à frente. Tem estado à frente. Ele está sempre à frente. Mas agora as bancadas explodem com maior tumulto ainda. Landy sabe porquê — Bannister está tentando o seu último e desesperado arranque final. Está chegando mais perto de Landy. A meta está cada vez mais perto mas o barulho está cada vez mais alto, mais alto ainda.

E Landy, cada fibra do seu ser esforçada até ao limite, pensa: a que distância está ele de mim? Num momento de dúvida volta a cabeça para ver — e Bannister, aproveitando, passa por ele.

Ambos correram a maior corrida da sua carreira nesse dia. Mas somente um foi vencedor. No momento crítico Landy olhou para trás.

Sabeis que esta história é uma parábola da vida —vossa e minha? Oíçam:

«Estamos, pois, rodeados por esta enorme multidão de exemplos de fé. Portanto, afastemos de nós o peso que nos impede de andar, e o pecado, que tão fortemente nos prende e continuemos com valentia a corrida que Deus nos propõe. Tenhamos os nossos olhos postos em Jesus, de quem a nossa fé depende do princípio ao fim. Ele suportou a morte na cruz sem se importar com a vergonha que nisso havia porque sabia a felicidade que o esperava. Agora está à direita do trono de Deus.» (Hebreus 12:1,2. A Boa Nova Para Toda A gente — tradução em Português moderno).

Como Cristãos somos todos corredores. Estamos num vasto estádio, circundados e observados pelo universo. A meta está diante de nós — a meta que diz vitória, vida eterna.

E Jesus está detrás dessa meta. Ele próprio já correu essa corrida, resistiu até ao fim e ganhou a vitória que ultrapassou a de Bannister. Assim, ao corrermos, devemos olhar para ele.

É disto que queremos falar-vos esta semana — olhar para Jesus. Como era Ele *realmente*? Como é Ele realmente? Quando O contemplamos o que vemos? E o que significa «contemplá-Lo»?

Semanas de oração vêm e vão. Por vezes somos tocados e voltamos para Deus com coração contrito. Outras vezes parece que passam por nós e nos deixam indiferentes, como a rocha que seca logo sob o sol ardente da praia.

Por vezes tomamos bastante tempo para nos examinarmos durante a Semana de Oração. Esta semana queremos olhar para longe de *nós* e olhar para *Ele*. Queremos simplesmente seguir por uma semana o que Helena White nos aconselhou há tanto tempo:

«Far-nos-ia bem passar diàriamente uma hora a reflectir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais.» O Desejado de Todas as Nações, pag. 58.

Notai como esta passagem em Hebreus 12:1,2 diz a mesma coisa.

«Olhando para Jesus — não para trás!» diz o apóstolo. A nova versão da Bíblia Inglesa traduz: «olhando para Jesus» como «fixando os olhos em Jesus» ou «com os olhos fitos em Jesus». Não olhando aqui e ali, não duvidando, não procurando outro caminho.

Os Hebreus Cristãos, a quem ele escrevia, tinham o mesmo problema. Eram tentados a olhar para outro lado, olhar para trás. Estavam em perigo de negligenciar «uma tão grande salvação» (2:3), de rejeitar a sua confiança no Cristianismo (10:35) e voltar para o mundo. Alguns dentre eles tinham deixado de ir à Igreja (10:36 - 39).

Hoje ainda existem esses problemas. Sinto a pressão do mundo, da sua forte atracção. Sou tentado a olhar para trás.

E alguns dos meus amigos olharam para trás e voltaram para trás. Um era filho dum Pastor; estudávamos juntos na faculdade. Mas o «Jack» já estava começando a olhar para trás. Em poucos anos o seu casamento estava destruído, depois saiu da Igreja, e a última vez que ouvi falar dele estava tocando num conjunto dum clube nocturno.

Como *podemos* resistir à pressão do mundo? Conservando o nosso olhar fixo em Jesus, recusando que as nossas mentes vagueiem pelas estradas do mundo.

Nota, meu amigo, que a Bíblia aqui em Hebreus 12:1 e 2 não nos exorta a olhar para os outros. Estamos rodeados por todos os espectadores nas bancadas. Temos aquela longa lista de herois e heroínas de Deus no capítulo anterior — Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Moises e assim por diante. Poderíamos pensar que eles fossem tidos como nossos exemplos.

Mas não. Em lugar de olhar para eles, devemos olhar para Jesus. E estou contente por isso.

Nota que até o melhor Cristão pode por vezes deixar-nos mal. Mesmo os grandes homens e mulheres da Bíblia tiveram faltas — alguns deles tiveram grandes falhas de conduta e fé. E hoje, não importa quão espiritual e sincero o vosso Pastor seja, pode desapontar-vos se olhardes para ele.

Claro que há muito de errado com a Igreja. É natural hoje apontarem-se as suas faltas. Mas lembremo-nos que a Igreja não é um clube para os perfeitos — é um hospital para pecadores. E é por isso que vós e eu podemos encontrar nela um lugar.

Aquela mesma reunião desportiva em Vancouver em 1954 é famosa por outro fim incrível. Foi a maratona a qual foi corrida num dia horrivelmente quente de Agosto. Um corredor chegou ao estádio muito à frente dos outros — Jim Peters. De facto ele tinha a vantagem de cinco quilómetros sobre o segundo.

Correra mais de 40 quilómetros e agora tinha somente 400 metros a percorrer até à meta. A multidão aclamava — mas de repente silenciou. Jim Peters teve um colapso por exaustão. Ele arrastou-se, cambaleou e voltou a cair. Durante dez minutos a multidão olhou com horror enquanto ele se esforçava por completar a corrida.

Por fim chegou a uma linha e caiu pela última vez. Foi levado dali. Mas, que infelicidade, aquela linha, embora sendo usada como meta para a maior parte das corridas, não era a meta da maratona. A sua meta ficava ainda 200 metros mais adiante.

Meu jovem amigo, temos que olhar para Jesus. Somente Nele encontramos verdade absoluta e absoluta certeza.

Mais ainda, devemos olhar para Ele em lugar de olhar para nós próprios. Já mencionámos como por vezes tomamos muito tempo durante a Semana de Oração para examinar os nossos corações. Uma certa dose de exame próprio é boa — mas não demasiada! Porque quanto mais olhamos para nós próprios, tanto mais vemos o «pecado que tão de perto nos rodeia» para usar as palavras do apóstolo.

Acho que muitos Adventistas ficam desanimados por esta mesma razão. Estão constantemente olhando para dentro, notando constantemente quão longe ainda estão do sublime e alto alvo posto à sua frente pela Bíblia e o Espírito de Profecia. E sentem que nunca o poderão atingir, que mais vale deixar de vez de trabalhar para o atingir.

Uns poucos, por outro lado, parece que vêem o bom de si mesmo. Olhando para o eu fá-los compararem-se aos outros — sentem-se bem com isso. Podemos sempre encontrar algo em que sejamos melhores que o rapaz ou a menina do outro banco. E isto torna-nos presumidos, cheios de satisfação própria.

Mas olhai para Jesus — não para vós mesmos. Olhai para Jesus — não para os outros.

Olhai para Jesus — não para trás.

Ele é o *Pioneiro* e o *Aperfeiçoador* da nossa fé, como diz o texto. A versão de Almeida diz «*autor* e *consumador* da nossa fé.»

Ele *começou* uma boa obra em nós, e tudo fará para que a concluamos. Ele é um Cirurgião que nunca perdeu um doente, um advogado que nunca perdeu uma causa — assim como um atleta que nunca perdeu nenhuma corrida.

Ele foi para a cruz. Desprezou a vergonha da cruz. Transformou-a para Sua própria glória, fazendo dela um emblema da Sua vitória. A cruz era um instrumento de Satanás, uma coisa de horror e escu-

ridão. Ele tornou-a Sua e transformou-a em algo de vida e esperança.

Não, não poderemos fazer o que *Ele* fez. Olhando para Jesus *não* significa que tenhamos de repetir a Sua obra de salvação. Em lugar de fazer o que Ele fez, é nosso dever confiar no que Ele fez.

Essa é a essência do olhar para Jesus. Valerá bem a pena estudar juntos este tema durante esta semana.

Vamos ver novamente o que a Escritura diz:

«Estamos, pois, rodeados por esta enorme multidão de exemplos de fé. Portanto, afastemos de nós o peso que nos impede de andar, e o pecado que tão fortemente nos prende, e continuemos com valentia a corrida que Deus nos propõe. Tenhamos os nossos olhos postos em Jesus, de quem a nossa fé depende do princípio ao fim. Ele suportou a morte na cruz sem se inportar com a vergonha que nisso havia, porque sabia a felicidade que o esperava. Agora está à direita do trono de Deus.»

Estamos agora prontos para a *nossa* corrida milagrosa.

DOMINGO

O LIBERTADOR

Vamos pensar em dois homens da nossa geração.

Em primeiro lugar imaginem um quarto sem sol onde o tempo não corre. As espessas cortinas estão fechadas — como sempre. É sempre dia neste quarto — e sempre noite também. Este quarto está construído no terraço dum apartamento em Acapulco, mas podia estar em qualquer lugar ou em lugar nenhum.

Um homem vive neste quarto. Vive? Ele existe! A sua estatura, antes quase de 1,90 metros tem encolhido centímetro a centímetro. Uma vez bem constituído; agora pesando somente 40 quilos. O seu cabelo comprido até à cintura; as unhas cresceram muito; as dos pés cresceram tanto que parecem saca-rolhas.

Por muitos anos tem vivido assim, em apartamentos como este. Assenta-se ou deita-se na cama, nu ou quase nu. Projecta filmes; um «Estação de Gelo Zebra» já ele viu 150 vezes. Ajudantes cuidam dele. Trazem-lhe tudo o que quer — mas ele não quer muito. Senta-se horas a fio brincando com o seu cabelo, deixando-o cair, apanhando-o e deixando-o cair novamente. Por vezes pega no telefone — «Bob, sinto-me só.»

Presentemente está doente, muito doente. Em seus últimos momentos pega na agulha hipo-

dérmica que está sempre perto de sua cama. Inspecciona-a, mete-a na veia e tenta pressionar. Mas já está muito fraco — grita por um ajudante para o ajudar.

Olhando para essa aparição, para esse esqueleto patético, quem poderia pensar que ele fora um dos homens mais ricos do mundo? Mas ele foi, sim, — tão rico como poderoso, valendo biliões de dolars. Mas em breve somente o dinheiro ficou. Os seus ajudantes puseram-no num avião em segredo e com os subterfúgios de sempre, mas Howard Hughes estava morto antes de chegarem a Dallas.

Com toda a sua riqueza e poder era um homem livre?

Agora a história do outro homem. É um oficial de artilharia na frente Alemã; faltam poucos meses para o fim da Segunda Guerra Mundial. Um dia, um polícia militar repentinamente agarrou-o e prendeu-o. Sua ofensa? Numa carta particular foi tão imprudente que referiu-se ao de leve a Stalin, mas a carta foi cair nas mãos da censura Russa.

Ei-lo saindo da Alemanha, de volta para a Rússia. Vai passar os próximos onze anos na prisão, campos de concentração e exílio. Vai perder todas as suas possessões, todos os seus distintivos, todos os seus direitos.

Mas ao perder tudo ele ganhará a liberdade. Ele escreverá acerca da bendita experiência daquela cela como «o reino celestial do espírito livre», como «engolindo o elixir da vida». Aleksander Solzhenitsyn tornar-se-ia para o mundo um símbolo do espírito liberto — um espírito que grades e muros, trabalhos forçados e fome, insultos e privações, não poderiam destruir.

Estranho, não é? O prisioneiro encontrou a verdadeira liberdade.

Liberdade — que doce palavra! Quão preciosa! Quão animadora! E todavia tão estranho, que o bilionário não a pôde alcançar e o soldado encontrou-a pela perda de tudo.

A liberdade é uma palavra muito importante na Bíblia. Sabias que Jesus proclamou a Sua missão como sendo de libertação? Oçam como Ele a descreve no Seu sermão aos Seus conterrâneos em Nazaré:

«Foi depois para Nazaré, a terra onde se tinha criado. No Sábado, foi à casa de oração, como era seu costume, e pôs-se de pé para ler as Escrituras. Deram-lhe o livro do profeta Isaías, Ele abriu-o e encontrou o lugar onde estava escrito assim, O Espírito do Senhor tomou posse de mim, por isso me escolheu para levar a Boa Nova aos pobres. Enviou-me para anunciar a libertação aos prisioneiros, para dar vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para anunciar o tempo em que o Senhor quer salvar o Seu povo!»

«Depois, Jesus fechou o livro, devolveu-o ao encarregado e sentou-se. Ficaram todos os olhos fixos nele.» (Lucas 4:16-20. A Boa Nova Para Toda a Gente — tradução em Português moderno).

Libertar os cativos, vista aos cegos, liberdade aos oprimidos — o Emancipador chegou. O antigo ano do jubileu, quando todas as algemas eram quebradas, chegou na pessoa de Jesus.

Jesus não *proclamou* meramente a liberdade. Trouxe-a por Seus próprios actos. Em Actos 10:38 lemos que Ele andava fazendo o bem, curando todos os oprimidos do diabo. E por isso que lemos tanto acerca de exorcismo nos Evangelhos: Jesus viera como o libertador de todo o homem.

Ele ofereceu liberdade a todo o homem e mulher. Os chefes religiosos e Seus próprios discípulos procuravam a liberdade política, mas Ele ofereceu uma liberdade *interior*, a mais completa liberdade.

Claro que a Situação não gostou disso. Concebeu-O como um perigo — o que Ele era. A Sua maneira de viver a religião era um desafio e uma reprovação ao antigo caminho.

Assim O vemos várias vezes em ambiente de debates nos Evangelhos. Logo a seguir ao Seu sermão em Nazaré quiseram acabar com Ele. (Então não foi esse um belo culto de Sábado: a mensagem do pregador não é apreciada — por isso matêmo-lo!)

Quanto mais pregava e trabalhava tanto maior a oposição. Amontou-se, cresceu, intensificou-se; Seus inimigos conspiravam e planeavam a Sua morte.

Finalmente conseguiram tudo a seu gosto. O Libertador está morto — crucificado numa cruz Romana. Tinham morto o Libertador. Mas não puderam — e ainda hoje ninguém pode — apagar o Seu chamado à liberdade dirigido a toda a raça humana.

Uma coisa estranha aconteceu no decorrer dos séculos. A História mudou a história de Jesus completamente. Se perguntarem hoje: «O Cristianismo *prende* ou *liberta*?» A maioria dirá: «Prende». Alguns Cristãos talvez acrescentarão: «Mas teremos a nossa recompensa».

O poeta Swinbirne revelou um sentimento predominante nestas linhas amargas:

«Conquistaste, oh pálido Galileu;

O mundo tornou-se frio à Tua respiração.»

Acho que ele estava completamente enganado. Contra que se estaria ele rebelando — o verdadeiro Jesus ou uma visão distorcida de Jesus? No outro dia ouvi alguém apresentar o caso assim desta maneira. Disse ele: «Ao encontrarem-se com um ateu e se ele disser que não acredita em Deus, perguntai-lhe qual o Deus em que ele não acredita!» Existem deuses em quem também não acredito. Mas Jesus dos Evangelhos é o Libertador — para o povo do Seu tempo e para o de todas as épocas:

«Muitos sentem que a religião tem a tendência de fazer do seu possessor uma pessoa mesquinha e dura, mas a verdadeira religião não tem uma influência mesquinha, limitada; é a falta de religião que torna as faculdades duras e amesquinha ou limita a mente. Quando um homem é mesquinho é mesmo a evidência de que precisa da graça de Deus, da unção celestial; porque um Cristão é alguém que o Senhor, o Deus dos exércitos, pode trabalhar, para que ele possa guardar os caminhos do Senhor da terra e tornar manifesta a Sua vontade aos homens». (7 BC 935).

Notai a maneira como Jesus descreve a liberdade a que nos chamou:

«Disse então Jesus aos Judeus que tinham acreditado nele. 'Se obedecerem fielmente ao meu ensino, serão de facto meus discípulos. Conhecerão a verdade e ela vos libertará.' Eles responderam: 'Nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como podes dizer que vamos ficar livres?' Jesus respondeu: 'Declaro-vos que todo aquele que peca é escravo do pecado. Um escravo não fica na família para sempre, mas um filho pertence sempre à família. Se realmente o Filho vos torna livres, então vocês ficam mesmo livres.» (João 8:31-36 — A Boa Nova Para Toda a Gente).

Por aqui podeis ver que Ele fala da liberdade *de*, liberdade *para* e liberdade *interior*.

Ele lembra-nos aquela palavra «pecado». Todos os que pecam são escravos, diz Ele. Mas Ele veio para quebrar amarras do pecado, para quebrar o seu jugo.

Meu amigo, não sei quais as amarras que tens. Podem ser hábitos viciosos — fumo, bebida, problemas morais — que te envergonham nas horas silenciosas. Ou podem ser vícios «respeitáveis». Nós, os Adventistas, temos as nossas amarras especiais, não é assim? Nós temos a tendência para ser frios e indiferentes, apartando-nos das outras pessoas, recuando para a nossa pequena caverna onde usamos as mesmas conversas e comemos as mesmas comidas. Temos medo de ser envolvidos no mundo onde há homens e mulheres desesperados e morrendo. Temos a tendência de nos distanciar da humanidade, e tentamos aperfeiçoar o nosso carácter pelo olhar para nós mesmos.

A escolha da caverna estava perante Jesus também. Ali ao pé do Mar Morto vivia um povo ceptico que deixava o resto do mundo ir à deriva, como quisessem. Eles contavam os sinais e esperavam pelo dia em que marchariam para Jerusalem. Jesus podia ter-se juntado a eles.

Mas Ele tinha uma visão mais ampla. Deixara atrás de Si Nazaré, o lar e o trabalho para fazer a obra de Deus. Aquele que oferecia liberdade — libertação do pecado, das amarras dos maus hábitos, do temor dos velhos caminhos — conhecia e vivia, Ele próprio, a liberdade.

Não foi somente libertação *de* — mas também liberdade *para*. Tantas vezes pensamos no que temos que deixar atrás para podermos ser verdadeiros Cristãos. Jesus nos chama para a liberdade de sermos nós próprios e viver a verdadeira *vida*. Falou-nos no texto acima acerca do escravo e do filho. Em lugar das amarras da escravidão, Ele quer que gozemos uma nova condição — filhos e filhas do Deus vivo.

Celso era um famoso crítico nos primeiros séculos do Cristianismo. Zombava de Cristo a quem chama o mais estranho dos professores. Enquanto todos os outros clamavam: «Vinde a mim todos os que estais limpos e dignos», este Mestre peculiar clamava: «Vinde a Mim todos os que estais abatidos e oprimidos desta vida». E assim, sendo tomado à letra por estas pessoas impossíveis, Ele é seguido pela ralé da humanidade rastejando atrás Dele.

A isto o Cristão Orígenes responde: «Sim, mas Ele não os deixa, essa ralé da humanidade, mas do material que vós deitaríeis fora como sendo inútil, Ele molda homens e mulheres, dando-lhes de volta o seu respeito próprio, capacitando-os a estar de pé, firmes, e olhando Deus nos olhos. Eles eram uns objectos medrosos, servis e esfarrapados, mas o Filho tornou-os livres!»

Jesus pode-nos tornar livres. Livres para pôr de lado orgulho e presunção, barreiras de raça e riquezas. Livres para tomar um outro pela mão e dizer-lhe do coração: «Meu irmão! Minha irmã!» Livres para amar, livres para ir, livres para partilhar, livres para trabalhar juntos.

Pensai no que Ele fez no passado por José na corte de Faraó e por Daniel, o primeiro ministro de Babilónia. E lembrai-vos do desafio do Espírito de Profecia:

«Tendes pensamentos que não ousais exprimir, de poderdes um dia alcançar as alturas da grandeza intelectual; de poderdes assentar-vos em conselhos deliberativos e legislativos, cooperando na elaboração de leis para a nação? Nada há errado nessas aspirações. Podeis, cada um de vós, estabelecer um alvo. Não vos deveis contentar com realizações mesquinhas. Aspirai à altura, e não vos poupeis trabalhos para alcançá-la.» *Mensagens aos Jovens*, p. 36.

Mas esta liberdade para a qual nos chama é a liberdade *interior* — a liberdade Nele. «Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres». Ele é o Libertador, o nosso Libertador. Ele liberta-nos — somente Ele.

Um fenómeno dos anos 70 tem sido a maneira como o mundo secular tem usado o nome de Jesus. Desde as canções «pop» até às camisolas «T», o Seu nome tem sido usado para fazer dinheiro, vender e atrair.

Não digo que todos os grupos, «hippies» ou comerciais, que usam assim o nome de Jesus, são leais a Ele. Mas, mesmo em maneira distorcida, eles talvez tenham sentido algo do Seu chamado de liberdade.

E nós — muitas vezes não temos a certeza! Tantas vezes, como Cristãos, nós vivemos como se Ele fosse o nosso patrão em lugar de nosso libertador. Temos a tendência para olhar para trás, e ao redor de nós para o mundo na sua frenética procura da liberdade, esquecendo que o libertador *por excelência* é o nosso Senhor.

É por isso que necessitamos manter os nossos olhos fixos Nele. Não um Jesus dos nossos preconceitos, não um remoto, inacessível Jesus. Mas o Jesus dos Evangelhos. Jesus o Libertador. O Jesus vivo.

Não importa qual o teu lugar ou trabalho, meu amigo, podes encontrar a liberdade que Jesus oferece. Na fazenda, na sala de aulas, no campo missionário, na oficina, não importa onde ou no quê, Ele pode tornar-te livre. Libertado *do* passado, libertado *do* presente, libertado *do* medo *do* futuro, e libertado *para* poderes viver. Libertado *para* seres a espécie de pessoa que queres ser, que Deus quer que sejas. Libertado *para* sonhar grandes sonhos — e os realizar. Mas será liberdade só nEle. Somente Ele é o libertador.

O SENHOR

Vivemos muitos anos na Índia. É uma terra antiga, uma terra fascinante. É um lugar em que nem sequer 30% das pessoas são livres, mas cada homem é um filósofo. A Índia é um lugar onde os mistérios da vida e da morte, da desigualdade e justiça têm sido discutidos por muito tempo e onde se têm procurado soluções.

Deixai-me contar-vos acerca de Ben. Ele era o filho dum banqueiro da parte Este da América. Como a maior parte das pessoas dos fins dos anos 60 ou princípios dos anos 70 ele «saiu» dos costumes da sociedade Western para se tornar num cigano do mundo. Como muitos da sua laia ele veio também até à Índia.

Um dia Ben veio à missão Adventista. Tinha-se-lhe acabado o dinheiro; estava com fome; e aqui ao menos havia outros ocidentais. Foi recebido e deram-lhe comida. Pouco depois pensou em ir para o Colégio Superior Spicer, o qual estava localizado na mesma cidade. Assim veio ele a Spicer e foi aí que conheci Ben.

Ben foi um aluno na minha aula de Vida e Ensinos de Jesus. Ele tornou-se muito interessado neste curso assim como nas outras disciplinas Bíblicas nas quais se tinha matriculado. Poderíamos vê-lo todos os dias caminhando pelo terreno do colégio com dois livros debaixo do braço — a Bíblia e o Desejado de Todas as Nações. Ele passava horas a fio com eles, lendo-os à sombra duma árvore. (O seu aspecto era ainda diferente e por isso não era muito difícil descobri-lo).

Ele ficou fascinado com a história de Jesus. A pessoa do Homem da Galileia atraiu-o sinceramente. Muitos de nós pensámos e orámos para que Ben se tornasse Cristão.

Mas fomos desapontados. A pergunta crítica de Ben era esta: Deixaria ele que Jesus fosse o Senhor de sua vida? Ele podia regozijar-se com os ensinamentos de Jesus. Podia até admirar a atracção da Sua pessoa — mas Jesus pedia mais do que regozijo e admiração. Ele pedia o coração de Ben.

E isso era uma coisa que Ben não aceitava nem por sombras. Talvez que as ideias religiosas com que estivera brincando aqueles anos o tivessem impedido de dar tal passo. Não havia dúvidas que ele tinha absorvido a «sabedoria secreta» dos escritos antigos da Índia, sabedoria que diz ao consultante que, se ao menos soubessemos isso *somos deuses*

nós mesmos! Mas aqui estava Jesus Cristo desafiando essa sabedoria, confrontando-a directamente e pedindo uma decisão. A última linha era uma questão de autoridade: Seria Ben o seu próprio deus, ou encontraria ele o seu verdadeiro lugar no universo pelo acto de escolher Jesus como o centro de sua vida?

O problema de Ben é o mesmo de muitos, jovens e adultos. Nesta mesma dúvida se encontra muito do apelo, do misticismo do Oriental, nas suas insinuantes sugestões que nós *somos* verdadeiramente um deus — assim não precisamos de outro Deus.

Até mesmo para as pessoas que são Cristãs o domínio de Jesus vem como um convite e uma lembrança todos os dias. É tão fácil brincarmos aos deuses nós próprios.

Os Evangelhos apresentam uma cena dramática. O relato é breve e sem rodeios, mas é um drama vertiginoso, vívido em sua acção:

«Caminhava Jesus junto ao lago da Galileia quando viu dois pescadores: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que andavam a lançar as redes no lago. Jesus disse-lhes: «Venham comigo e eu vos farei pescadores de homens!». Então largaram imediatamente as redes e foram com ele. Um pouco mais adiante, Jesus viu Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu, que estavam no barco com o pai a consertar as redes. Chamou-os e eles deixando logo o barco e o pai, foram com Jesus». (Mateus 4:18-22 — Boa Nova para toda a gente).

«Ele andou... viu... disse... imediatamente deixaram as redes e O seguiram.» Quais os pensamentos que teriam passado pela mente desses pescadores ao ouvirem os passos na areia de alguém que chegava, a olharem para cima e reconhecendo o novo Professor de Nazaré! Que sensação de excitação deve ter passado pelo seu ser ao ouvirem as Suas palavras, simultaneamente um convite e uma ordem — «Segue-Me»!

Sua resposta foi incrivelmente directa. Imediatamente deixaram o seu trabalho, seu meio de vida. Deixaram cair suas redes no lugar em que estavam e O seguiram. Lembrai-vos, também, que pelo menos um destes homens era casado (Pedro); lembrai-vos também que Jesus nesse tempo não tinha popularidade, nenhuma riqueza, nem o mínimo de benefícios, nenhuma organização para os atrair.

Mas Ele chamou-os. A singularidade da Sua pessoa e a nota de autoridade nas Suas palavras foram o suficiente. Ele seria o seu Senhor. Como

Pedro disse mais tarde: «Deixámos tudo e Te seguimos».

Como Cristãos usamos a palavra «Senhor» muitas vezes. Sai-nos da boca ao orarmos. Cantamos «Senhor» frequentemente nos nossos hinos. Compreendemos bem o que dizemos ao chamarmos a Jesus, «Senhor»?

É uma das grandes palavras do Novo Testamento. Vez após vez o Cristão prefere-a à palavra «Messias» (a qual é «Cristo»). E vem com um grande significado. Se por vezes a tomamos irreflectidamente, até desrespeitosamente, isso tem demasiado peso — sim, até mesmo perigo, como em breve veremos — para que a possamos usar assim dessa maneira.

«Embora se fale em deuses do céu e deuses da terra, como se existissem vários deuses e vários senhores. Para nós existe um só Deus, o Pai. É dele que vêm todas as coisas e é para ele que nós existimos.» (I Cor. 8:5, 6 — BNTG).

Notai que o seu mundo era um mundo de competição de «Senhores». A palavra, ela própria, podia ser usada como um termo de respeito, assim como usamos o «senhor fulano». E havia muitos — divindades da Grécia e Roma, novos deuses do Egipto e Ásia Menor. Os devotos de cada um falariam do «Senhor Isis», «Senhor Serapis» e assim por diante.

Mas para os Cristãos, todos estes eram somente ídolos! Eles conheciam somente uma pessoa que realmente merecia esse título — Jesus Cristo. Sempre que usava esse título, era só Jesus quem tinham em mente. (Um não Cristão, contudo, chamava «Senhor» a César — veja como o governador Romano, Festus, escreve ao imperador em Actos 25:26).

É provável que o nome «Senhor» fosse associado com a primitiva maneira de baptismo. Já alguma vez pensastes nas implicações de Romanos 10:9 (RSV)? «Porque se confessares com os teus lábios que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo». Parece que, ao os conversos ao Cristianismo entrarem na água, testemunhavam publicamente ao grupinho de Cristãos presentes: «Creio que Jesus é Senhor». Assim fazendo, renunciavam a todos os outros assim-chamados Senhores, a todas as outras pretensões de autoridade religiosa.

Pensai comigo acerca dessa cena por um momento. Pensai qual o significado que o baptismo tem para vós. Talvez tivésseis sido baptizados há alguns anos atrás, juntamente com muitos dos vossos amigos. Talvez ainda não tenhais sido baptizados, mas por vezes pensais nisso. Aqui vemos o que o Cristianismo significava para os Cristãos primitivos. Vemos quão importante Jesus era para eles, quão leais eles eram a Jesus.

Agora irei falar-vos de como poderia ser *perigoso* chamar a Jesus «Senhor» nesses dias primitivos, nesses dias em que o Cristianismo acabava de nascer.

Lembrai-vos que Roma reinava no mundo de então. A cabeça do estado estava o imperador. Alguns imperadores eram poderosos, outros fracos e outros até meio tontos. Mas gradualmente, ao ser o officio de imperador estabelecido cada vez com maior poder, os cidadãos olhavam para a pessoa do imperador para solucionar todas as dificuldades, e assim uma ideia diabólica criou raízes. Era esta: o imperador é deus em pessoa. Não somente lhe é devida obediência como cabeça do estado, mas também culto e adoração. E foi assim que o título «Senhor» não somente se tornou num termo de respeito por ele, mas a designação de divindade.

Podeis imaginar uma mais cruciante união da igreja com o estado? Seria como o Presidente dos Estados Unidos ou a Rainha da Inglaterra serem chamados de «Senhores» e serem adorados. Nós nem por sombras poderemos compreender as dificuldades que os Cristãos, de então, enfrentavam.

O culto ao imperador teve um começo moroso mas nos fins do primeiro século A.D. já ia de vento em popa. Domiciano fez uma perseguição em grande escala aos Cristãos que o não aceitassem como Senhor. João, o revelador, foi também envolto nesta onda e banido para a ilha deserta de Patmos. Mas ali ele viu os Céus abertos e o desenrolar do plano de Deus. Viu que todos os tronos e reinos teriam, quando Deus o determinasse, o seu fim e um dia Jesus seria reconhecido como «Rei dos reis e Senhor dos senhores». (Apoc. 19:16).

Talvez agora já compreendamos melhor um pouco da história que gira à volta dessa palavra tão comum «Senhor». Talvez possamos compreender porque é que Paulo escreveu desta maneira aos Coríntios:

«Ficam por isso a saber que ninguém, inspirado pelo Espírito de Deus, pode dizer 'Jesus é maldito'. E, do mesmo modo, ninguém pode dizer: 'Jesus é o Senhor', se não fôr com a ajuda do Espírito Santo». (I Cor. 12:3 Boa Nova para toda a gente).

É bom revermos os dias primitivos do Cristianismo. Dá-nos uma ideia do que implicava realmente seguir a Jesus nessa altura. E isso faz com que possamos compreender-nos hoje, ao correremos a corrida milagrosa, com Jesus na meta, e ao tentarmos conservar os nossos olhos nEle.

Também terá ainda algum significado hoje se Jesus fôr para nós o nosso Senhor. Não meramente Senhor na oração e no canto, mas *realmente* Senhor — Senhor da nossa vida. Como poderemos nós expressar isto hoje?

Frank sugeriu-o de uma maneira muito interessante e que acho ajudadora. Quando ele se tornou Cristão, foi como se Jesus chegasse ao pé dele e dissesse: «Frank, dá-me as chaves da tua vida», assim como fez um dia com esses pescadores no lago. Frank deu as chaves a Jesus — mas primeiramente

tirou uma e pô-la no bolso. Os anos se passaram e Frank continuava Cristão. Cria em Jesus e tentava seguir o Seu caminho. Mas de vez em quando lembrava-se daquela chave, a qual, lá no fundo do seu bolso, por vezes roçava-lhe na perna. Enfim chegou um dia em que Frank tirou a chave do bolso e a deu a Jesus. «Toma esta também, Mestre», disse ele. «Quero que sejas Senhor absoluto». E então agora Jesus passou a ser o Senhor da vida de Frank.

Sabemos que Jesus nunca nos força a aceitá-Lo. Não nos empurra. Não nos atira ao chão com um soco nem nos intimida até cedermos. Não nos dá vergastadas até que andemos direitinhos. Alguns pensam nEle desta maneira, mas estão completamente enganados. Ele não nos castiga; nós é que nos castigamos a nós próprios quando tentamos brincar com Deus.

Em vez disso, Jesus insiste em bater à porta. De vez em quando bate à porta, lembrando-nos por esse meio que Ele ainda ali está, pronto para nos ajudar quando disso precisamos: «Olhem que Eu estou à porta e chamo. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entro em sua casa, janto com ele e ele comigo.» (Apoc. 3:20 — BNTG).

Ele não entrará de rompante, não arrombará a porta. Somente quando — e se O convidarmos é que Ele entra.

E que Mestre Ele é! Aqueles camponeses que deixaram as suas redes há tanto tempo atrás, responderam ao Seu chamado cheios de expectativa. A ideia dum reino com tronos para eles era-lhes uma grande esperança. Não encontraram nada disso, mas encontraram algo mais sublime, de muito mais valor — uma comunhão pessoal com Ele que transformou todo o seu ser. Encontraram a razão para viver; encontraram gozo, paz e esperança, apesar de todas as dificuldades duma vida de discipulado.

Quando Jesus te chamar a ti e a mim, meu amigo, não é porque procure admiradores. Não é porque esteja numa viagem de egoísmo. Não; é mesmo por nós. Somente ao se tornar Ele o nosso Senhor podemos encontrar esse lugar no universo para o qual fomos criados. Somente então podemos nós entrar no Seu companheirismo transformador. É com amor e grande compaixão que Ele nos convida: «Segue-Me».

TERÇA-FEIRA

O IRMÃO

Já falei a jovens de três continentes acerca de Jesus, e ao falar vejo que todos têm uma reacção em comum. Muitas vezes a resposta toma esta forma: «Sim, Jesus é maravilhoso, mas Ele é tão diferente de nós. Seus sofrimentos e tentações eram doutra espécie.» Embora parecesse homem, pensam alguns, a Sua humanidade era só uma cobertura.

Tudo isto nos *separa* de Jesus. Ao repetirmos a tradicional fórmula Cristã que Ele era tanto Deus como homem, realmente cremos no que dizemos?

Teremos que olhar bem para a humanidade de Jesus. Era ela real? Ou era ela a fingir? Ele foi realmente tentado? Sofreu de verdade?

Notai como Helena White nos encoraja a olhar para este tópico:

«A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga nossa alma a Cristo, e por meio de Cristo a Deus. Isto deve constituir nosso estudo. Cristo foi um homem real; deu prova de Sua humildade, tornando-se homem. Entretanto, era Ele Deus na carne. Quando abordamos este assunto, bem faremos em tomar a peito as palavras dirigidas por

Cristo a Moisés, junto à sarça ardente: ‘Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa’. Exo. 3:5. Devemos aproximar-nos deste estudo com a humildade de um discípulo de coração contrito. E o estudo da encarnação de Cristo é campo frutífero, que recompensará o pesquisador que cave fundo em busca de verdades ocultas. «Mensagens Escolhidas, vol. I, pag. 244.

Vêem como somos aconselhados a preservar o elemento do mistério, pois que Deus e o homem se encontraram em Sua pessoa, e Deus nunca poderá ser compreendido completamente por mente finitas. Mas notai bem que este estudo é grandemente recompensado — é «um campo frutífero».

Ao voltarmos-nos para o Novo Testamento, não vemos dúvida alguma acerca do facto da Sua humanidade. «O Verbo se fez carne e habitou no meio de nós» (João 1:14): isto é um testemunho inequívoco. A questão nunca foi posta, através dos Evangelhos, se seria ou não seria Ele um verdadeiro homem. Ninguém nunca se achegou a Ele e O beliscou para ver se era somente uma aparência humana.

Não, isso não. As perguntas estavam todas do outro lado. Isto é, o verdadeiro problema era se Jesus de Nazaré era *mais* do que um homem. Até mesmo os Seus discípulos, os quais andaram com Ele tantos anos, eram lentos em compreender que enquanto humano, Ele era mais — muito mais. É por isso que Ele teve que fazer essa pergunta: «E vocês? Quem acham que Eu sou?» (Mat. 16:15 — BNTG)

Somente nessa altura é que Pedro, por revelação divina, manifestou-se com ênfase: «Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo.» E isso tornou-se um ponto fulcral quando a nova religião Cristã teve de enfrentar o mundo incrédulo depois de Sua morte: seria Jesus mais que um homem?

Por conseguinte não havia dúvidas quanto à Sua humanidade. Ele teve fome e sede; Ele ficava cansado depois de uma grande caminhada ou de um dia a ensinar e curar. Nenhuma reserva escondida O poupava das nossas necessidades humanas.

Provavelmente Ele era um homem forte, fisicamente. Não, não era um gigante como Adão, mas tinha um bom físico e músculos salientes — os quais se desenvolveram com a vida que levava em Nazaré: como carpinteiro por tantos anos Ele aprendera a cortar árvores e construir casas. Ao começar o Seu ministério público, viajava muito, mas sempre a pé. O seu corpo era magro e moreno das centenas de quilômetros na estrada, do sol e do vento.

Há uma interessante afirmação no Evangelho de S. João (17:53 — 8:1): «Foram cada um para a sua casa, mas Jesus foi para o Monte das Oliveiras». Isto é, dormiu essa noite ao relento, como era o Seu costume. Não lembrou Ele a um homem que ansiosamente prometia segui-Lo: «As raposas têm covis e os pássaros os seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a Sua cabeça?» (Mat. 8:20).

Muitas vezes os quadros de Jesus levam-nos ao erro. Muitas vezes, especialmente nas cenas da crucificação, Ele aparece como um homem fraco, pálido, de faces cavadas. A realidade era bem diferente. Era um homem que apreciava a amizade. Havia ali os doze, claro, mas também muitos outros. Sabemos de pelo menos setenta que se tornaram discípulos e também várias mulheres que O seguiam no Seu itinerário de pregação. (Lucas 8:2,3). A família em Betania — Maria, Marta e Lázaro — eram-lhe muito queridos. Sempre apreciou visitá-los no seu lar.

Mas Ele era aberto, sociável para todos. Muitas vezes, especialmente no relato de Lucas, lemos que Ele se sentava à mesa. Até os guias religiosos, para quem Ele teve por vezes palavras duras, muitas vezes O convidavam. E nunca lemos que Ele tivesse recusado alguma vez os seus convites. Isto prova-nos que Ele era uma boa companhia às refeições.

Bastantes vezes pensamos nEle como um «homem de dores», como Isaías predisse. Na verdade Ele nasceu para um propósito especial — para salvar a humanidade do seu fardo de culpa, para evitar que se perdesse. Mas isto não impediu que Ele entrasse no gozo da criação de Deus — a beleza da vida neste planeta, os pássaros, a água, as estrelas.

Ele notou os pardais e as anêmonas selvagens, conhecia os hábitos do agricultor na sementeira e na sega, conhecia bem o mundo dos homens de negócios e mercadores, da dona de casa na cozinha. E os momentos mais ternos das relações humanas, quando um filho transviado enfim volta para casa ou das reuniões da família ao celebrar-se um casamento.

Não temos nenhum registo de que alguma vez Ele se risse, mas também não temos nenhum registo de que o não fizesse. Provavelmente alguns dos Seus ouvintes por vezes acharam graça aos Seus ditos. Ele tinha uma maneira de se referir aos fracos e absurdos esforços humanos sobre a religião que encantava as multidões. Por exemplo, Ele falou acerca de uma pessoa que tentava tirar um grão de poeira do olho do vizinho, enquanto o seu tinha um barrote de 20x10! Ou dos guias religiosos que coavam um mosquito da sua água de beber e no entanto engoliam um camelo! Vê-se claramente, que Ele tinha senso de humor.

E quanto à Sua vida espiritual? Como enfrentou Ele a luta contra o pecado? Neste pormenor quatro pontos do relato do Novo Testamento deveriam ser observados cuidadosamente.

Primeiramente, as Suas tentações foram terrivelmente reais. Ele conhecia os ardis do inimigo, a luta renhida com o pecado. Os Evangelhos focam os testes que Lhe sobrevieram no início do Seu ministério, quando Ele foi tentado a tomar o caminho fácil e ser um Messias político, e também os que Lhe sobrevieram mesmo já no fim, no Getsemane e no Calvário. Mas ao longo do caminho houve perigos, lutas.

Nunca nos devemos esquecer que Ele podia ter escolhido não resistir a essas tentações. Notamos isto especialmente no Jardim, ao agonizar Ele ante o Pai (enquanto os Seus amigos dormiam) na Sua tríplice repetição em oração: «Oh meu Pai, se for possível passe de Mim este cálice: no entanto não se faça a Minha vontade mas sim a Tua» (Mat. 26:39). Helena White faz esta observação:

«Permitiu (O Pai) que Ele enfrentasse os perigos da vida em comum como toda a alma humana, combatesse o combate como qualquer filho da humanidade o tem de fazer, com risco de fracasso e ruína eterna.» Desejado de Todas as Nações pg. 49.

Assim, seja qual for a maneira como compreendamos os sofrimentos e provas de Jesus, devemos preservar a sua total realidade. Aqui não há fantasias, nenhum teatro, tendo somente a aparência do autêntico. As Suas lutas foram ferozes, terrivelmente reais, com conseqüências eternas resultantes das Suas escolhas.

Em segundo lugar, vemos o Jesus que ora. Algumas vezes Ele levou a noite toda em comunhão com Deus, especialmente antes das acções de maior importância no Seu ministério. Seus discípulos viram quanto a oração realmente significava para Ele e pediram-Lhe que também os ensinasse a orar (Lucas 11:1).

Porque é que Jesus orava tanto? Uma das razões, claro está, era o Seu desejo de falar com o Pai. Mas também havia outra: «A Sua humanidade fez da oração uma necessidade e um privilégio. Encontrava conforto e alegria na comunhão com o Pai. E se o Salvador dos homens, o Filho de Deus, sentia a necessidade de orar, quanto mais deveríamos nós, débeis e pecaminosos mortais que somos, sentir a necessidade de fervorosa e constante oração.» Aos Pés de Cristo, 92.

Era através da comunhão diária com Deus que Ele recebia forças para todo o Seu trabalho.

Em terceiro lugar, o Espírito Santo estava activo no ministério de Jesus. Por ocasião do Seu baptismo, como todos sabemos, o Espírito desceu sobre Ele em forma de pomba e Ele foi «cheio do Espírito Santo» ao entrar no Seu programa de ministério público (Lucas 4:1). Actos 10:38 (BNTG) faz um resumo do Seu trabalho assim: «Como Deus derramou o Espírito Santo sobre Ele e Lhe deu poder; Ele andou por toda a parte fazendo o bem e curando todos os que eram dominados pelo Diabo, porque Deus estava com Ele».

Finalmente, através de todas as Suas provas e Suas lutas para nos garantir a vida eterna, Ele permaneceu sem pecado. Ele é «Um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado» (Heb. 4:15). Aí está a diferença. Onde nós tantas vezes sucumbimos ao calor da tentação, Ele permaneceu firme, victorioso até ao fim.

Desta forma as Suas tentações foram diferentes das nossas por dois motivos, pelo menos. Elas foram renhidas, reais — mas maiores. Mas Jesus resistiu até ao fim, bebendo o amargo cálice até à última gota. Mais ainda, Ele foi tentado em certas maneiras que não nos afectariam a nós, por causa da Sua pessoa singular. Se o Diabo me dissesse: «Diz a estas pedras que se tornem em pães», não seria difícil recusar — eu recusar! Mas Jesus *poderia* dizer isso e assim para Ele foi um teste.

O quadro da humanidade de Jesus que encontro na Bíblia é muito precioso para mim. Eu vejo Alguém

que era realmente um homem — inteiramente um homem! Ele é mais baixo que Adão, mas é o verdadeiro Adão. Ele sofre, é tentado e finalmente morre. O grito de angústia vindo da cruz, aquele grito de desolação e aflicção, é de quebrar o coração: «Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?» (Mat. 27:46). Por fim o Homem está morto — morto e sepultado.

As forças do mal parecem triunfar. A luz veio ao mundo, mas a escuridão parece ter abafado a luz. Porém o Seu sono é uma espera pela manhã da ressurreição, a qual porá o divino selo, ante o universo, no triunfo da Sua vida e da Sua obra.

Ele ressurgiu victorioso sobre a própria morte porque foi primeiramente victorioso em vida. Nenhuma mancha de pecado ficou nEle em todas as Suas lutas. Ele enfrentara o Diabo no seu terreno e venceu-o.

É por isso que nós podemos correr a corrida milagrosa com nova coragem. Jesus aguarda-nos na meta e nós *sabemos* o que Ele passou. Sabemos que Ele realmente sabe bem o que é ser um ser humano, sofrer e ser tentado. Ele já passou por tudo isso.

Não, nunca poderemos ser mesmo como Ele. Ele é o Homem-Deus. Pela Sua pessoa Ele liga a terra ao Céu. A Sua humanidade toca na nossa, assim como a Sua divindade toca nas alturas. Então, como se tornou homem e para sempre retém a Sua humanidade, está eternamente unido a nós. Que diz Ele? Não se envergonha de nos chamar «irmãos»!

Enfim, uma verdadeira e completa humanidade foi vista. Enfim a nossa humanidade pode começar! Boris Pasternak disse e muito bem: «Roma foi uma feira de deuses emprestados e de pessoas vencidas, um duplo subterrâneo, terra e céu, uma massa de sujidade torcida num triplo nó como uma obstrução intestinal. Dácios, Hérulos, Citas, Samaritanos, Hiperbóreos, pesadas rodas sem raios, olhos afundados em gordura, sodomia, queixos duplos, imperadores iletrados, peixe alimentado da carne de escravos instruídos. Havia mais pessoas no mundo do que houve desde então, todas espremidas nos corredores do Coliseu, e todas miseráveis.

«E então, a este monte sem gosto de ouro e mármore, veio Ele, simples e vestido em aura, decididamente humano, deliberadamente provinciano, Galileu, e nesse instante acabaram-se os deuses e as nações e surgiu o homem — o homem carpinteiro, o homem lavrador, o homem pastor com o seu rebanho de ovelhas ao pôr do sol, o homem sem uma nota de orgulho, o homem reconhecidamente celebrado em cada cantiga de embalar e em todas as galerias de arte do mundo inteiro.» (Dr. Zhivago, pag. 43).

DEUS REVELADO

Um dia enquanto estava numa cidade grande numa terra Oriental vi uma coisa estranha.

Um grupo de homens estava a formar linha para uma parada religiosa. Cada ano, no aniversário dum famoso professor da sua fé, eles se juntavam para marchar através da cidade. Levavam objectos sagrados do santuário e instrumentos musicais para anunciar a sua vinda.

Então a música começava a tocar. A música tornava-se cada vez mais alta e rápida e alguns dos rapazes começavam a dançar enquanto a procissão ia rua abaixo. Cada vez mais alta e rápida — a dança tornava-se num frenesim. Os dançarinos faziam então uma pausa, um de cada vez e encaminhavam-se até ao sacerdote. Seus rostos estavam ruborizados, seus olhos chamejantes. Fiquei pasmado ao ver o que o sacerdote tinha na sua mão — espetos de metal de pelo menos 15 centímetros. Os dançarinos tomavam um espeto e forçavam-no a entrar numa face e a sair na outra, ou através do nariz ou da orelha ou da pele do peito. Alguns tinham vários espetos. Não gritavam, não faziam nem qualquer trejeito, não mostravam sinal de dor; nem tão pouco notei qualquer sangue. Voltavam então à procissão para dançar ainda mais freneticamente.

Não me era nada agradável ver isso, e então fui-me embora. Mas ficou-me bem gravada na mente e tem-me feito reflectir nesta pergunta: Qual a ideia que essas pessoas faziam de Deus?

A história diz-nos que a religião tem criado actos de Deus, bebês foram mortos, populações dizimadas. de Deus, bebês foram mortos, populações dizimadas. Pessoas têm-se morto à fome, têm-se dilacerado, deixado pais, maridos e esposas, filhos — tudo porque pensavam que Deus a isso as obrigava.

Já vi grupos de peregrinos, fazendo o seu caminho até aos cumes do Himalaya, tentando chegar à nascente do sagrado Ganges. Carregaram pequenas trouxas às costas, bordão na mão; têm as marcas coloridas dos devotos nos pulsos e na testa. Durante semanas, meses, eles viajam.

O ocidente também não está isento de estranhas, até mesmo horríveis, práticas em nome da religião. De vez em quando há pessoas que dizem ouvir uma voz interior mandando-as matar. Quando processadas elas dizem: «Deus mandou-me fazer isto.» A chacina — suicídio em massa em Jonestown em Novembro de 1978 foi exemplo inacreditável daquilo a que a devoção religiosa mal guiada pode levar.

Por isso é de suprema importância saber como realmente é Deus. Não podemos confiar nas nossas impressões, nem na nossa imaginação, nem nas vozes «interiores» que os outros nos possam afirmar. O assunto é demasiadamente importante para que o deixemos ao acaso.

É por isso que gosto em especial do nosso tópico de hoje. Jesus, a quem estamos a olhar em todos os tópicos desta semana, é a revelação de Deus. Ele mostra-nos o que realmente Deus é. Lembrai-vos de como João nos diz: «Ninguém nunca viu a Deus. Somente o Filho único, que é o mesmo que Deus, e está perto do Pai, é que nos mostrou quem é Deus». (João 1:18 — BNTG). E quando Filipe pediu a Jesus para lhe mostrar o Pai, Jesus respondeu: «Faz tanto tempo que Eu estou com vocês, Filipe, e você diz: 'mostra-nos o Pai'? Você não crê, Filipe, que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?» (João 14:9 — BNTG)

Que espécie de Deus é que Jesus nos mostrou por meio de Sua vida e de Seus ensinamentos?

Em primeiro lugar, Deus é o nosso Pai. Esse era o termo favorito de Jesus para tratar a Deus. Saía livremente dos Seus lábios, estando Ele a orar ou a falar às pessoas acerca de Deus. No Velho Testamento Deus tem muitos nomes e «Pai» é um deles, e até não pouco citado.

Mas com Jesus este torna-se o nome preeminente dado a Deus. E Isaías 9:6 descreveu Jesus, Ele próprio como o «o Pai eterno».

O nome que Jesus mais gostava de dar a Deus pode ter mais significado do que nós pensamos. Não se sabe qual a palavra que Jesus usou quando nos disse para chamarmos Pai a Deus, pois Ele falava em Aramaico e o Novo Testamento foi escrito em Grego. Mas Paulo em duas ocasiões recorre a uma palavra em Aramaico, Abba (Rom. 8:15; Gálatas 4:6). Esta palavra é um termo de grande afeição, uma que podíamos traduzir por «Papá».

Quando o meu filho era muito pequenino e tentava reunir os sons em palavras, chamava-me «Papá!» «Papá!» Mesmo até no meio da noite essas palavras eram preciosas para mim.

É desta maneira, dir-nos-ia Jesus, que deveis pensar em Deus. Pensai nEle como vosso Papá, como um que cuida de vós em extremo. Ele não é nenhum tirano. Não é nenhuma divindade sedenta de sangue ou de semblante carregado. Nem um avôzinho trémulo. Nenhum polícia severo. Mas sim o vosso Pai.

Aqui podereis ter um problema, meus amigos. Talvez *alguém* tenha tido a infelicidade de ter um pai mau, tirano. Assim nem sequer sabe o que é ter um pai.

Nesse caso teremos que ver mais profundamente como Jesus nos mostrou como Deus realmente é. E então começamos a compreender que tudo o que é bom e maravilhoso na paternidade é somente um pálido reflexo de Deus como Pai.

Deus é o nosso *mantenedor*, diz Jesus. Não há motivo para estarmos ansiosos acerca da vida — o que vestir, o que comer, o que beber. Não há motivo para nos preocuparmos quanto ao futuro: que trabalho farei, com quem me casarei, como me sairei na última grande crise da grande controvérsia entre o bem e o mal. Não, Jesus diz, não deixeis que as preocupações da vida vos desanimem. Vivei só para hoje; o amanhã tratará de si próprio. Deus cuida até dos pássaros e da erva, por isso podeis estar certos que Ele até tem mais interesse acerca de vós. Confiai-Lhe assim todos os vossos pensamentos de ansiedade. Fazei a vossa parte, e deixai a vossa vida com Ele (Mat. 6:25-34).

Você se preocupa, meu amigo? É muito fácil, não é? Eu sei que por vezes dou comigo a cair outra vez na escravidão dos pensamentos de ansiedade. Mas este quadro de Deus como o meu Pai celeste, o qual se preocupa e providencia — e que me levará seguro através das águas desconhecidas do futuro — torna-me livre novamente para viver como Seu filho. Diz-me que quer que eu viva tão despreocupado como um passarinho, descontraído como um lírio.

Jesus também mostrou que Deus é o *doador* celeste: «Acaso algum de vocês, que é pai, dará uma pedra ao filho que pedir pão? Ou lhe dará uma cobra quando ele pedir peixe? Vocês, mesmo sendo maus sabem dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o Pai que está no céu dará coisas boas aos que lhe pedirem! (Mat. 7:9-11).

Uma vez, na quadra do Natal, estávamos longe da nossa Pátria. Nós arranjámos uma pequena árvore e tentámos decorá-la com o que havia no local. Era a véspera de Natal. Ouve-me a pensar alto: «Como gostaria de ter uma boa maçã agora mesmo!» (Já não viamos nenhuma há alguns anos.) O meu filhinho disse: «Vou-lhe buscar uma maçã, papá.» Ele foi a correr e em breve voltou com a mão fechada e olhos brilhantes. Ele pôs na minha mão — um berlinde.

Claro que todos nos rimos por causa disso, mas a sua intenção valeu mais do que a mais suculenta maçã: foi um gesto de verdadeira generosidade. É o espírito no qual todos nós partilhámos quando damos sem contar o preço ou pensar na recompensa — o espírito de amor desinteressado. É este o verdadeiro espírito de Deus, pois Deus é o Pai celeste que está sempre pronto a dar com todo o amor. E Tiago

lembra-nos (1:17) todas as Suas dádivas são boas e perfeitas.

Ainda mais. Jesus revelou Deus como um *amante* celestial. Ele não é parcial nesse amor; Ele não o recusa a ninguém. A chuva e a luz solar brilha para todos, tanto bons como maus, ricos e pobres, pretos e brancos. Toda a gente, não importa a sua hereditariedade ou o seu estado social — são todos filhos de Deus. (Mat. 5:43-48).

Um lugar onde pertencemos — quão ansioso cada um de nós está por ter esse lugar! Queremos ser aceites, encontrar uma sociedade onde nos compreendam tal qual somos, sem ter que nos esforçar para agradar a alguém e sem pretender ser quem não somos. Deus providencia esse lugar. Não existem barreiras para Ele, não existem cartões de sócio no Seu clube, não precisamos trazer ofertas para que Ele nos mostre o Seu lado sorridente. Aceita-nos tal qual somos, não importa quem sejamos, não importa o passado ou o presente. Ele é por nós, não contra nós. Ele é o nosso Pai e o Seu amor não é parcial.

E porque Deus é amante, doador, mantenedor Ele *vem* ajudar-nos. Não nos deixa nas nossas aflições. Não se senta no céu, torcendo as mãos, desejando fazer algo que nos traga algum alívio. Não — Ele intervém! Esta é a suprema ideia de Deus revelada pela história de Jesus. Como prova desta ideia culminante acerca de Deus, não temos somente as *palavras* de Jesus — temos o *próprio* Jesus!

«No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.» «E o Verbo se fez carne e habitou no meio de nós, cheio de graça e verdade; nós contemplamos a Sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.» (João 1:1,14).

«Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido» (Lucas 19:10)

«Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu filho unigénito para que todo aquele que nEle crer não pereça mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo mas para que o mundo seja salvo por Ele.» (João 3:16,17).

Ao contemplarmos a vida de Jesus — tanto na carpintaria em Nazaré como nesses poucos anos de inumeráveis actos de gentileza, bondade e amor — vemos que o carácter de Deus, do Deus de quem Ele falava, estava sendo demonstrado completamente. Ele providenciava às pessoas, cuidando de cada necessidade. Havia comida para os famintos, cura para os doentes, até nova vida para os mortos. E havia também sustento espiritual: todos os que tivessem fome ou sede de justiça recebiam as boas novas da salvação de Deus.

A Sua vida foi uma constante fonte de dádivas. Ele deu-se a Si próprio às multidões, ao ouvinte solitário, à mulher encontrada junto ao poço, aos

discípulos. Ele derramou-Se a Si mesmo no sulco das necessidades humanas. E ninguém era cortado do Seu amor. Até mesmo esses — especialmente esses — dos quais se pensava que estariam fora do seio das responsabilidades sociais e privilégios religiosos encontraram um bom acolhimento nEle. Até às prostitutas e aos leprosos, aos colectores de impostos e aos que pediam esmolas bem como aos mestres da lei e aos endinheirados — a todos era dado o amor de Deus.

Alguma vez já considerastes a diferença entre o ministério de João Batista e de Jesus? Apesar de João fazer uma grande obra para Deus, o seu método era diferente do de Jesus. Ele pré-gou no deserto e as pessoas iam lá vê-lo. Mas Jesus ia ao povo — onde quer que *estivessem*, ele iria ter com eles. Iria, levando consigo esperança e cura para cada espécie de necessidade humana.

Assim tem sempre sido com Deus. Através de todo o Velho Testamento Yahweh é o Deus que cuida dos Seus filhos. Ele vem a Adão e Eva no Jardim, a Abraão debaixo da árvore em Monré, a Israel na servidão no Egipto, ao menino Samuel

no templo, a David a cuidar dos rebanhos do pai, ao jovem Isaías ao ir ele adorar. Ele vem ao homem, trazendo salvação a todo o que a aceitar. Ele vem ao encontro do homem nas suas necessidade. Ele vem porque se preocupa connosco.

E foi assim que o nascimento de Jesus se tornou o ponto mais alto na actividade divina em favor da humanidade. Aquele que sempre viera, agora vinha no supremo acto — Deus feito homem, intervindo para salvar a raça humana.

O primeiro capítulo de Mateus diz assim: «o filho da virgem será chamado Emanuel, 'Deus connosco' (1:23). E as palavras finais do livro dizem-nos que Ele estará connosco *para todo o sempre*: «E lembrem-se que Eu estarei com vocês todos os dias, até ao fim dos tempos.» (Mat. 28:20 BNTG).

Como é Deus? Agora poderemos saber — e regozijar-nos. Agora todos os nosso temores acerca de Deus, as nossas dúvidas, as nossas ansiedades, as nossas lutas para cumprir Seus mandos, podem todos ser postos de lado. Jesus revelou-O — pela Sua palavra e pela Sua vida. E sabemos que Ele é supremamente bom. E que Ele é o nosso Pai.

QUINTA-FEIRA

O HOMEM DA CRUZ

É fácil passar por cima da história da cruz. Podíamos preencher toda a semana com aspectos de Jesus e nunca chegarmos lá. Poderíamos demorar nos Seus ensinios, Suas relações com jovens e Suas profecias.

Poderíamos — mas não seríamos verdadeiros aos relatos Bíblicos. Lembrai Hebreus 12:1 e 2, a base do nosso pensamento ao corrermos a corrida milagrosa, olhando para Jesus. O Jesus que está do lado de lá da meta, nessa passagem, é especialmente o Homem da cruz. Ele é o que «suportou a cruz, desprezando a afronta». E aquela passagem de Helena White à qual também fizemos referência de dispendir uma hora cada dia em contemplação da vida de Cristo, sugeriu-nos que nos demorássemos nas cenas *fnais*.

Os quatro Evangelhos apontam-No preeminentemente como o Homem da cruz. Mateus dedica oito dos seus vinte e oito capítulos à Semana da Paixão; Marcos, seis dos dezasseis; Lucas, seis dos

vinte e quatro e João não menos de nove dos vinte e um. Isto significa que para eles a cruz era o ponto alto da história.

Nenhum escritor do Novo Testamento tenta diminuir a Sua crucifixão. Tanto quanto lemos nas páginas sagradas, nenhum dos primitivos Cristãos tentou explicar ou desculpar a cruz. Nunca tomaram tempo para discutir a hipótese de que foi uma injustiça, algo que nunca deveria ter acontecido. Claro, foi um atropelo à lei (o Seu «julgamento» foi uma farsa) — mas para os Cristãos tinha muito maior significado.

Poderíamos supor que eles tentariam arranjar uma desculpa para a cruz, visto ser esta a pior maneira de morrer. Era reservada para os de mais baixa classe, pessoas de quem Roma queria fazer um exemplo público. Os Romanos sentiam que era uma desonra grande demais para ser aplicada aos seus cidadãos; somente os que não eram Romanos podiam ser crucificados. Por isso o Apóstolo Paulo, que era

Romano, foi morto à espada, mas Jesus não era cidadão Romano.

Horrível como pudesse ser, a crucifixão como meio de execução era um meio bem adequado aos propósitos de Roma. Era, em primeiro lugar, uma coisa *pública*. Os criminosos não eram crucificados na floresta, escondidos do olhar do povo — não, eram presos à sua cruz num lugar onde todos pudessem ver. No caso de Jesus, o lugar foi mesmo do lado de fora das portas da cidade, para que os que passassem pudessem ver a cena. (Que macabro instinto da natureza humana desperta uma crucificação?) As pessoas condenadas carregavam a cruz, ou uma parte dela, pelas ruas a caminho do lugar da execução. Enfim, crucificadas, elas muitas vezes ficavam lá dias e dias até que a morte viesse por exposição, perda de líquidos do corpo ou exaustão. A mensagem da cruz em Roma era esta: Isto é o que acontece a todo aquele que se opõe a nós! Era bem uma mensagem eficaz, disso podemos estar certos.

Ao contemplarmos a cruz na sua rigidez, na sua tragédia, nós recuamos dela. A cruz — a cruz de Jesus — não era uma coisa bonita. Hinos Cristãos, a pintura e a meditação devocional glorificaram a cruz. Mas era tudo menos gloriosa para Ele. A cruz difundia escuridão, dor, horror, separação e morte.

Talvez seja por isso que por vezes queremos evitar a história da cruz. É uma história tão trágica. Amamos a vida; não queremos morrer. A pessoa de Jesus nos Evangelhos é tão atractiva, tão cativante. Porque é que Ele teve que morrer — numa cruz?

A história é quase ofensiva. O que acontecera com a ordem do universo quando o melhor dos homens — o único Homem verdadeiro que o mundo conheceu — teve que ser levado à cruz? Poderá a justiça de Deus deixar que isso aconteça? Porque deixou Ele que isso acontecesse? Se, como nós ouvimos dizer ontem, Deus é supremamente bom, como podemos nós reconciliar a cruz com os Seus planos? Não deveria um Deus tão bom intervir para salvar o Seu Filho?

Sim, há um mistério acerca da cruz. Ela surpreende-nos. Ela confunde-nos. E mesmo assim nos atrai. Não disse dela o Homem da cruz: «E quando Eu fôr levantado da terra vou atrair todos a Mim.» (João 12:32 BNTG). As Suas palavras provaram ser verdadeiras em todo o mundo. Já tenho visto Hindus cair em silenciosa admiração ante a história da cruz; já tenho visto quadros do Homem na cruz nos seus templos.

Quem poderá sondar as profundezas deste mistério? «O amor de Jesus — quem o poderá compreender? Infinitamente mais terno e mais destituído do eu do que o amor de mãe!» Supremamente revelado na cruz, será a ciência e o hino do

povo de Deus através da eternidade. *Mensagens aos Jovens*, 115.

E contudo existe muito que podemos compreender já.

É preciso compreender primeiramente que Jesus não desejava morrer. Ocasionalmente encontramos alguém que manifesta o desejo de morrer; alguns até conseguem tirar a sua própria vida. Mas sabemos que essas atitudes são doentias, precisam de tratamento. O querer e o desejar viver fazem parte de todas as fibras do nosso ser. Nós nascemos para viver, não para morrer. Deus é o Autor da vida, não da morte.

Jesus entrou nas alegrias da vida; nas festividades humanas, nas amizades, nas conversações; Ele deleitou-se no mundo criado. Ao ver a cruz a aproximar-se, Ele esquivou-se do que lhe poderia sobrevir. Lemos no livro de Lucas (9:51) de como «Se propôs a ir a Jerusalém». Através do evangelho segundo S. João lemos acerca da «minha hora» o climax da Sua missão.

Vêmo-Lo na Sua oração agonizante sob as oliveiras do Getsemane e a repetida petição: «Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice» (Mat. 26:39). Mas notai bem: «Não era do sofrimento do corpo que o Filho de Deus recuava». (2T 204). «No jardim do Getsemane, Cristo orou a Seu Pai dizendo: 'oh Meu Pai, se fôr possível, passe de mim este cálice'. O cálice que Ele orava para ser removido de si, que parecia ser tão amargo à Sua alma, era o cálice da separação de Deus em consequência do pecado do mundo.» (In Heavenly Places, pag. 89). Mas a oração concluía com a submissão: «No entanto não se faça a Minha vontade mas sim a Tua.» Por qualquer razão, no plano de Deus, não era possível que o cálice passasse sem ser bebido. Ele deveria bebê-lo até às borras.

Qual era o plano? O Novo Testamento dá-nos a certeza deste ponto. «Cristo morreu por *nossos pecados*» diz Paulo (I Cor. 15:3) e ainda: «Por meio de Cristo, Deus está fazendo que todos os homens sejam Seus amigos, sem levar em conta os pecados deles.» «Cristo estava sem pecado, mas Deus O fez participar dos nossos pecados, *para que nós*, em união com Ele, tomássemos parte na justiça de Deus.» (II Cor. 5:19,21 BNTG). Nas palavras de Jesus: «O Filho do homem não veio para ser servido mas para servir e para dar a Sua vida por muitos.» «Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» (Mat. 20:28; João 3:14,15).

Então a cruz nos diz muito acerca da natureza do pecado. Diz-nos que o pecado não é uma coisa sem importância, algo que possa ser posto de lado casualmente por Deus. O pecado é horrível, o pecado faz

separação, o pecado é a morte. A cruz de Jesus revela o seu significado. Mais nitidamente vemos o seu carácter desolador nas terríveis palavras pronunciadas por Jesus: «Meu Deus, Meu Deus, porque me desamparaste?» (Mat. 27:46).

Há certas ocasiões em que as pessoas zombam do pecado. Riem-se dele, cantam-no, encenam-no. Porque o pecado é visto como algo sem importância, o perdoar não tem sentido e o amor torna-se ordinário.

Somos todos filhos desta geração. A baixa moral deste mundo à nossa volta está a afectar-nos, mesmo sem darmos por isso. O que lemos, ouvimos e vemos está constantemente afectando-nos, mudando os nossos valores.

É por isso que precisamos especialmente de ler com frequência a história do Homem da Cruz. É por isso que devemos correr a corrida milagrosa com os olhos fitos nEle e só nEle. Então saberemos que, como Cristãos, seremos *diferentes*. Amamos outras gentes, podemos ser seus amigos, mas a cruz muda os nossos valores. Odiamos o pecado que causou o sofrimento e a morte do nosso Senhor. Não podemos juntar-nos às anedotas baixas e a canções vis que fazem do pecado uma banalidade. A cruz não só revela como Deus aborrece o pecado, mas desmascara o carácter do enganador. Quando a luz brilha nas trevas — a melhor e a mais pura luz — as trevas reagem apenas com um grito traiçoeiro — «Apague-se essa Luz». Odeia a Luz e ergue-se para a extinguir.

Por vezes o caminho do mal é atractivo. Chega até nós embrulhado em papel brilhante com fitas bonitas que excitam a nossa imaginação, convidando-nos para gozos e novas experiências. A cruz pôr-nos-á no lugar certo. Veremos então que o mal é enganador, odioso, esmagando o bem.

Duma perspectiva a cruz aponta a aparente fraqueza do amor. Aqui está Jesus — o amor feito carne. Deixou a glória eterna numa missão de misericórdia a um planeta em necessidade. O Deus que sempre viera trazendo salvação à humanidade, fez agora a suprema condescendência. Mas Ele veio ao terreno do Diabo. As forças das trevas saudaram a chegada da Luz com alegria diabólica. Elas planearam o mal, elas conspiraram. E enfim a Luz parecia extinta. Seu corpo estava ali deitado, frio e inerte no túmulo novo de José.

A Cruz foi a tentativa suprema dos poderes do mal. Certamente que Ele nunca consentiria *nisso*! Certamente que até mesmo o amor feito carne iria voltar as costas quando aquele instrumento de vergonha, separação e morte fosse lançado sobre Ele!

Mas Cristo foi para a cruz. Sofreu o horror da separação do Pai e do traumatismo do Calvário, a um preço infinito para Si. E Ele sofreu e morreu. Notaí como o amor é aparentemente desamparado, incapaz de resistir à força, traição e astúcia. Deus, tornado homem, recusou enfrentar o diabo nos seus

termos. Não podia usar a mentira e o braço forte de poder brutal; Ele resistir-lhe-ia somente com o amor.

A vitória do mal foi de pouca duração. Foi uma vitória oca. Só lhe foi possível ter a satisfação de ver a agonia e a morte de Jesus. Tanto — e nada mais. Porque os Seus sofrimentos e morte foram o portal para a ressurreição e com isso uma inumerável quantidade de bênçãos.

Através da Sua cruz Ele abriu de par em par as portas do reino eterno. Não há homem ou mulher que tenha caído tão baixo que não encontre ali um lugar. Ninguém precisa de desesperar-se, pensando se Deus o aceita ou não. Não há fardo de culpa demasiado pesado para que não possa ser atirado fora. Através da Sua morte na cruz: «Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Ele sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia.» *O Desejado de Todas as Nações*, pag., 17.

Tornou-se Salvador e Senhor de multidões de pecadores os quais alegremente entrarão pelas portas celestiais porque O aceitaram.

Quebrou as ataduras da própria morte. Através da Sua entrada nos domínios da morte a morte foi vencida. Ele segura as chaves da morte (Apoc. 1:18); não mais trememos ao enfrentar a nossa mortalidade. O Seu sepulcro vazio é a nossa certeza da vida eterna com Ele.

E essa mesma cruz tornou-se um sinal da Sua vitória. Foi o grande trunfo de Satanás, mas Jesus a tornou o Seu próprio emblema de triunfo. Era um lugar de escuridão; Ele tornou-a num lugar de luz. Significava vergonha; agora significa esperança. Foi um meio de morte dolorosa; agora traz vida. É por isso que Paulo pôde cantar: «Ai de mim que me glorie a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.» (Gal. 6:14).

A fraqueza do amor? A cruz mostra o *poder* do amor. O amor pode, através do sofrimento e da morte, ganhar eternidade para o reino de Deus.

Sim, Jesus é o Homem da Cruz. Temos muito prazer em O reconhecer como tal. Não nos envergonhamos disso, tal como Ele não se envergonhou. Nem fugimos da cruz porque Ele a transformou. Nessa cruz está a nossa esperança, a nossa vida, a nossa alegria.

«Jesus Cristo lançou mão da humanidade a fim de, circundando a humana raça com Seu braço humano, apegar-se ao mesmo tempo, com o divino, ao trono do Infinito. Cravou Sua cruz bem entre a Terra e o Céu, e disse: 'Eu, quando fôr levantado da Terra, todos atrairei a Mim'. A cruz devia ser o centro de atracção.» *Mensagens aos Jovens*, pag. 137.

O REI

Anos atrás eu li o livro *South* (Sul) escrito por Sir Ernest Shackleton. Nele ele descreve como, no princípio deste século, ele empreendeu a viagem, com um grupo de homens corajosos, para tentar chegar ao Polo Sul. Contudo a expedição em breve se tornou num supremo esforço de sobrevivência: o seu barco, o *Endeavor* (Empenho), foi bloqueado por blocos de gelo e lentamente foi esmagado pela pressão do gelo.

A sua situação era desesperada. Ali estavam eles, no fim do mundo, no mais proibitivo terreno conhecido pelo homem e sem meios de comunicar com o exterior. Somente tinham uma esperança — uma baleeira sem cobertura que tinha sido guardada no convés do *Endeavor* e que tinha sobrevivido ao poder das garras do gelo. De algum modo uns poucos teriam que tentar chegar à civilização para que uma operação de salvamento pudesse ser organizada.

Aproveitando os blocos de gelo flutuantes e usando a baleeira, a expedição chegou salva à Ilha Elefante. Ali, no deserto de neve varrido pelos ventos, os homens acamparam. Ali esperariam e — orariam. Shackleton e mais dois ou três tomariam a baleeira e tentariam alcançar a América do Sul. Eles iriam lutar contra o mar mais bravo do mundo, num barco descoberto. Mas era a única esperança do grupo sobreviver. Nem podemos imaginar como foi a despedida enquanto o barquinho se afastava dessa desértica e desolada costa. Reunir-se-iam novamente?

Bem, como Shackleton escreveu o livro acerca disso, sabemos que ele foi bem sucedido nessa viagem incrível. Ele desafiou o mais bravo mar do mundo num barco descoberto — e chegou a salvo à América do Sul. Mesmo depois de desembarcarem os seus problemas não tinham terminado. Tinham à sua frente uma viagem trans-continental bastante acidentada e através de grandes dificuldades. Mas através de todos os seus sofrimentos, assim escreveu Shackleton, eles estavam conscientes da presença de Um outro — Alguém que estava com eles para os trazer enfim sãos e salvos de volta à civilização.

Então começaram os planos para a operação de salvamento. Mas levou tempo para que a notícia do grupo de homens que ficara na Ilha Elefante chegasse ao resto do mundo e levou tempo para que encontrassem um barco apropriado para essa missão. E depois também havia o problema do tempo: so-

mente quando os blocos de gelo se derretessem é que se podia chegar à ilha. Passaram-se muitos meses até que o barco de salvamento começou a viagem para a Ilha Elefante. Por duas vezes partiu e por duas vezes teve que voltar para terra por causa do gelo.

Enfim chegaram à Ilha. O que iria Shackleton encontrar lá? Teria alguém sobrevivido ao frio desumano, ao vento agreste, aos meses de escuridão. Teriam alguns já meios loucos sobrevivido para saudar o seu capitão?

Ele encontrou *todos* vivos — vivos e sãos. Encontrou cada um pronto e esperando por ele. E quase não podia acreditar no que via. Como podia isto ser?

A razão seria encontrada especialmente no homem que Shackleton deixara em comando do grupo. Apesar do pequeno grupo não ter a certeza que o seu chefe chegaria a salvo ao outro lado do perigoso oceano, este homem, cada dia, os encorajava e mantinha viva a sua esperança e confiança. Diariamente ele lhes dizia: «Preparem-se rapazes, o chefe pode vir hoje.» E um dia, depois de meses de desolação e monotonia, Shackleton voltou!

Nós somos em muitas maneiras como aqueles homens na Ilha Elefante. Não, este mundo não é um lugar tão medonho, pelo menos onde vós e eu estamos. Mas nós sabemos que não é o nosso último lar, mas que Deus tem preparado para nós um melhor lugar; um lar eterno. O nosso Capitão, que uma vez esteve conosco, foi para aquele lar — e nós podemos atravessar esse bravo mar que nos separa.

Por vezes a distância e o silêncio quase nos esmagam. Por vezes pensamos *porque* é que Ele ainda não veio, ou até mesmo se Ele *ainda* virá.

Mas sabemos que Ele virá! Sabemos isto porque Ele nos deu a Sua palavra: «Não fiquem tristes nem preocupados. Confie em Deus e confiem em Mim também. Na casa de Meu Pai há muitos lugares, e Eu vou preparar um lugar para vocês. Se não fosse assim, eu já vos teria dito. E depois que Eu fôr e vos preparar lugar, voltarei e vos levarei comigo, para que estejam onde eu estiver.» (João 14:1-3 BNTG) Ele é um Homem de palavra. Se a confiança na pessoa e carácter de Sir Ernest Shackleton — pois era só o que eles tinham — foi suficiente para animar o pequeno grupo de exploradores abandonados, quanto mais a pessoa e o carácter de Jesus Cristo deverão manter o brilho da nossa fé! Quanto mais a

lembrança da Sua promessa nos fará dizer: «Prepara-te; o meu Senhor poderá vir hoje.»

À nossa volta vemos homens e mulheres à deriva num mar de tempo. Ouvi as canções que eles cantam — cantam sobre o pouco ou até nenhum valor da vida humana. A vida é como um vento que nos leva para qualquer lado. Donde viemos nós? — Quem sabe. Mas de algum modo estamos cá, e o vento está a levar-nos. Para onde iremos nós? A nenhum lugar, somente aonde o vento nos levar. E muita da literatura de hoje toca na mesma tecla da existência sem alvo algum.

Mas não é assim para os Cristãos! Nós sabemos que não somos criaturas do tempo e do acaso, levados à toa pela lama dos primórdios. Jesus é o nosso Senhor e Ele é aquele que deu existência ao universo. «Falou e tudo se fez; mandou e logo tudo apareceu» (Salmos 33:9). Os Seus dedos puseram um bilião de sóis ardentes em órbita e também formaram a vida microscópica que povoa as águas.

Nem será este mundo, apesar dos seus problemas, desintegrado pela mão de algum poderoso idiota em Moscovo ou em Washigton D.C., ou outro lugar qualquer que prima um botão atómico. Não — Ele sustenta o universo com a Sua palavra poderosa (ver Heb. 1:3 BNTG). O mundo *está* ficando sem alimento, combustíveis, ar puro, água, mas Ele ainda está no controle e não o deixará mergulhar num caos antes que Ele intervenha mais uma vez.

Notai bem, Jesus é o Rei do universo. Em primeiro lugar foi Ele que o fez e depois quem o remiu. É dEle — duas vezes dEle. As mãos que puseram as estrelas no espaço e formaram a vida foram pregadas às tábuas duma cruz para que um mundo transviado — um mundo nas garras do poder do mal — pudesse ser novamente ganho pelo poder do amor que morreu.

Por isso este é o tempo de espera. Ele é o Rei — o Rei por direito, duplo direito. Mas Ele é o Rei que espera. Enquanto esperamos por Ele, também espera Ele pelo resultado final do plano de Deus, quando Ele reinará como Senhor sobre todas as coisas. Agora Ele é reconhecido como Rei somente na Igreja (entre aqueles que crêm Nele), mas em breve Ele será coroado Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Como poderemos nós viver neste tempo de espera? Que é como quem pergunta como correremos nós a nossa corrida milagrosa mantendo os olhos fitos em Jesus?

Primeiramente temos que ter esta esperança e estar prontos cada dia. Devemos ser como as virgens sensatas da parábola que trouxeram óleo consigo e estavam preparadas quando o noivo chegou à meia-noite. (Mat. 25:1-13). Como já notámos é o *pensar acerca de Jesus* que nos ajuda a estar preparados. Se começamos a olhar em volta de nós —

a ver os problemas da vida, as suas distrações, as ideias e as teorias que nos assaltam de todos os lados — podemos começar a duvidar que Jesus realmente pudesse ter atravessado o bravo mar até às praias celestiais. Mas se constantemente nos demormos, pensando na Sua vida — nesse belo carácter, nesse amor abnegado, nessa vitória que Ele ganhou no Calvário, vitória selada pela ressurreição — *saberemos* que podemos confiar na Sua palavra. Apesar de todas as aparências do contrário, Ele certamente voltará para junto de nós.

Mas há uma segunda ideia em conexão com a realza de Jesus que nos ajuda a viver durante este tempo de espera. É o pensamento que, de alguma forma, o reino de Jesus está *já no presente*. Vamos pensar um pouco sobre isto.

Quando Jesus começou a pregar a Sua mensagem era: «Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus». (Mat. 4:17). De facto, Ele estava constantemente pregando acerca do «reino de Deus» ou do «reino dos céus» — pelo menos cinquenta vezes no evangelho segundo S. Mateus. E Ele disse que este reino estava «às portas», isto é muito próximo, mesmo às portas.

Ora, eu não acho que Jesus quisesse dizer alguma data assim como 2000 AD ao dizer «às portas». Seria uma estranha maneira de torcer as palavras. Não, ao contrário, Ele referia-se a algo que estava acontecendo ali, naquele momento, algo que Ele próprio inaugurara. Isto é, há um sentido de *presente* nas palavras «reino de Deus» ou «reino dos céus».

Vemos esta aplicação de presente nas palavras de introdução ao Sermão da Montanha. «Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus», disse Ele (Mat. 5:3). Mais tarde quando Ele foi acusado de expulsar os demónios através do poder de Satanás, Ele replicou: «Mas se Eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente *chegado* a vós o reino de Deus.» (Mat. 12:28). E muitas vezes as Suas parábolas, descrevendo o crescimento do evangelho no coração dum homem ou duma mulher ou através do mundo, começavam assim: «O reino de Deus é como...»

Sim, há certamente um aspecto *futuro* no «reino de Deus». O reino, em sua plenitude, será na altura em que Ele se assentará em glória como Senhor de tudo, quando todas as nações estarão reunidas diante dEle. (Mat. 20:21; 25:31). Mas há um aspecto *presente*, um que começou com a primeira vinda de Jesus. Muitas vezes nos esquecemos disso. O que significa?

Acho ajudador saber que a palavra traduzida por «reino» também significa «poder» ou «soberania». Isto é, quando Jesus anunciou que o reino dos céus estava perto, Ele não estava a proclamar uma nova entidade política — apesar dos Seus ouvintes quere-rem ouvir isso mesmo. Estava declarando o reino de

Deus nos *corações* de homens e mulheres. Ora, o próprio Deus viera habitar com os homens e estava-os desafiando pessoalmente, individualmente, a serem Seus súbditos. Por isso o reino de Deus, do qual Jesus prégava não era para aqueles que desejavam poder e combates contra os Romanos. Ao contrário, era para aqueles que estavam abertos para Deus — os pobres de espírito, os mansos, os que tinham fome e sede de justiça.

Assim, meu amigo, teremos que continuar a orar: «Venha o Teu reino». Cada vez que orarmos assim, estamos olhando para o futuro quando Ele vier para o glorioso reinado.

Mas temos que viver, lembrando-nos que o reino invisível *já veio*. Ele já reina na vida de jovens que estão prontos para O receber. Eles já conhecem o poder da Sua amizade transformadora. Eles já sabem que o céu começou mesmo nesta Ilha de Elefante.

«Quando por meio de Jesus, entramos no repouso, o Céu começa aqui. Atendemos-Lhe ao convite:

Vinde, aprendei de Mim; e assim fazendo começamos a vida eterna. O céu é um incessante aproximar-se de Deus, por intermédio de Cristo. Quanto mais tempo estivermos no Céu da bem-aventurança, tanto mais e sempre mais da glória nos será manifestado; e quanto mais conhecermos a Deus, tanto mais intensa será a nossa felicidade. Ao andarmos com Jesus nesta vida, podemos encher-nos do Seu amor, satisfazer-nos de Sua presença. Tudo quanto a natureza humana é capaz de suportar, é-nos dado receber aqui.» *Desejado de Todas as Nações*, pag. 331, 332.

E um dia Ele voltará para nós. Agora conhecêmo-Lo e conhecemos também a alegria de Sua presença, mas o melhor está ainda para ser!

SÁBADO

PARA A META

Já calçastes os vossos sapatos de corrida? Estais prontos agora para o último lance até à meta?

Durante toda a semana temos olhado para Jesus. Ali está Ele mesmo a seguir à meta. O Seu olhar encontra o nosso e Ele está, a sorrir, a dar-nos as boas vindas. Está esperando para Se alegrar connosco no fim da corrida. Nesta prova — a prova da vida — acabar significa vencer. Há louros para todos os que chegarem à meta. E *Ele* será a melhor coroa de louros que qualquer corredor possa receber.

Quão bela é a Sua aparência! Vimo-Lo como o Libertador, o único que pode soltar-nos dos pesados fardos dos nossos hábitos, para nos libertar para uma vida bela, de amor e consideração. Ele é o Senhor em cuja vontade nos encontramos a nós mesmos e o nosso próprio lugar no Universo. Sem Ele somos menos que homens e mulheres. Ele é nosso Irmão — tornou-se num Homem real, num Homem que sofreu, que foi tentado, dependente, que lutou, que morreu. Para todo o sempre Ele é um connosco; Ele conhece, Ele sente, Ele compreende.

Ele mostrou-nos como Deus realmente é, e sabemos agora que Deus é bom, generoso além de todas as expectativas, esforçando-Se para que entremos no Seu céu e não fiquemos do lado de fora. Ele é também o Homem da cruz. Aquela triste e

trágica experiência mostra-nos a aparente fraqueza do amor em face do mal — mas finalmente o amor triunfou! E Ele também é Rei. O Seu reinado já começou nesta terra quando homens e mulheres O aceitaram em suas vidas. Mas o melhor ainda estará para ser: em breve Ele voltará e será reconhecido pelo Universo como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

E nós só agora começamos a olhar para Jesus. A Bíblia contém muitos outros títulos e descrições dEle — Ele é o Sumo Sacerdote, Sacrifício, Filho de Deus, Filho de David, Pastor, Messias e assim por diante. Ele é o Homem Universal. Aquele cuja contemplação poderá ocupar-nos por toda a nossa vida e até mesmo pela eternidade. E sempre encontraremos novas maravilhas para nos fascinarem, novas facetas do Seu trabalho para nos admirarmos. Considerai os quatro quadros de Jesus nos Evangelhos por exemplo: conquanto cada escritor fale da mesma Pessoa, o quadro é bem diferente em cada caso. Suponde que tínheis a tarefa de catalogar por cores cada um deles — que cores escolheríeis?

No relato de Mateus o aspecto *real* é proeminente. Desde o primeiro verso Jesus é chamado «Filho de David» e através de todo o livro lemos dEle como Rei e do Seu Reino. Então vamos dar-Lhe

a cor púrpura neste Evangelho. Mas talvez tenhamos que misturar também outra cor, porque também o vemos como o grande mestre, o novo Moisés. Então misturarei um pouco de azul na púrpura.

O Evangelho de Marcos dá uma grande ênfase aos actos de Cristo. Este é um livro de actos vívidos, com Jesus movendo-Se entre o Povo da Galileia. Aqui vemos-Lo mais como um Homem do campo do que da cidade — Ei-Lo junto ao lago, sentado no monte, andando pelas aldeias. Vamos colorir este quadro de verde como os campos da Galiléia na Primavera.

No quadro de Lucas vemos Jesus como Homem para o *mundo*. Mateus fez a cronologia de Jesus até Abraão, mas Lucas vai até Adão. Por isso vemos Jesus não só como Messias dos Judeus, mas como o Salvador de todo o mundo. Assim Lucas empenha-se em mostrar-nos bem como todas as espécies de pessoas, especialmente essas postas à margem pela sociedade — Romanos, Samaritanos, leprosos, colectores de impostos, sim até as mulheres! — eram cordialmente aceites por Jesus. A Sua salvação era para todos. Essa palavra *salvação* é a palavra chave para este Evangelho, por isso pintarei de vermelho.

Como devemos pintar o Evangelho de João? O apóstolo confronta-nos logo com as primeiras palavras: «No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.» Através de toda a sua história a figura de Jesus, O senhor feito carne, cheio de glória e verdade, domina sobre todos. Ao findarmos a leitura poderemos apenas dizer como Tomé: «Meu Senhor e meu Deus» (João 20:28). Desta forma João diz-nos que ao nos encontrarmos com Jesus, encontramos-nos com o próprio Deus! Pintarei de dourado.

O olhar para Jesus deu-me uma nova vida esta semana. Sempre me sinto mais elevado quando retiro o meu olhar do mundo, dos outros, de mim mesmo, e olho somente para Ele. Traz-me esperança, renovada coragem, uma nova determinação para permanecer leal a Ele.

Agora a corrida não parece ser muito difícil. Ele já andou neste terreno antes de mim. Ele já ganhou a prova — ganhou-a para mim. A corrida milagrosa foi realmente dEle.

Não, Ele não nos pede para que façamos tudo o que Ele um dia fez. Eu não o poderia fazer, não importa quanto me esforçasse. O que Ele quer que eu faça, ao correr, é *confiar* na Sua vitória como minha vitória.

Parece bem simples, mas é aqui que caímos muitas vezes num mal entendido. Bem, pelo menos para mim. Por algum tempo ainda, depois de me ter

tornado cristão, eu pensava em Jesus como um género de princípio para a corrida da vida. Fora Ele quem me trouxera ao estádio e pôs-me no lugar da corrida e deu até mesmo o sinal de partida para eu avançar até à meta. Mas estes pensamentos não se provaram ser de grande alegria para mim.

Vede que eu em breve me senti a ir mais devagar. Tinha começado com bastante energia, cheio de boas intenções e uma determinação sincera. Mas as minhas pernas começaram a doer, a minha respiração começou a faltar-me, comecei a sentir-me tonto. O que acontecera? Pensei que estivesse em boa forma ao começar a corrida, mas quanto mais corria pior me sentia. A meta parecia muito distante. Nunca poderia lá chegar. O esforço exigido era demasiado para mim.

Nessa altura encontrei um verso bíblico que modificou tudo. Era Paulo quem falava e as suas palavras eram directamente para mim: «Já que aceitaram Jesus Cristo como Senhor, vivam em união com Ele.» (Col. 2:6 — BNTG) O que queria isto dizer? Que a maneira de *começar* a vida cristã é a mesma maneira de *manter* a vida cristã.

Recordei como me tornara cristão. Eu sabia então que não havia nada que eu pudesse fazer para me livrar do pecado. Somente pelo perdão gratuito de Deus poderia eu ter esperança. Mas ali estava Jesus, o dom de Deus ao Universo! Ele ofereceu-me perdão e uma nova vida nEle, e eu alegremente a recebi.

Mas como me tornara cristão, eu pensava que deveria ser um bom representante dEle. Deveria esforçar-me por mostrar ao mundo o que era o cristianismo. *Ele* fizera-me um cristão e agora *eu* deveria viver como um cristão. Ou, poderíamos nós dizer, Ele dera o sinal de partida e deixara-me para que ganhasse a corrida pelos meus próprios esforços.

Paulo fez-me notar que Ele queria dizer exactamente o contrário. Ele disse-me que *cada dia* deveria ser como meu primeiro dia como cristão. Então eu desisti dos meus próprios esforços, para aceitar alegremente a Sua oferta gratuita. Cada dia deveria fazer o mesmo. Cada dia Ele deveria viver a dádiva da Sua vida dentro de mim.

Encontrei então um capítulo no livro Aos Pés de Cristo que me tornou o assunto muito claro. Confirmou a minha hesitante percepção de Colossenses 2:6. O capítulo é «O crescimento em Cristo» e eu vo-lo recomendo. Especialmente os dois parágrafos seguintes tiveram grande significado para mim:

«Muitos julgam que devem fazer sozinhos ao menos uma parte desta obra. Confiaram em Cristo para o perdão dos pecados, mas agora procuram por

seus próprios esforços viver rectamente. Toda a tentativa dessa espécie está condenada a fracassar. Diz Jesus: «Sem Mim nada podeis fazer» (João 15:4,5).

O nosso crescimento na graça, a nossa alegria, a nossa utilidade — tudo depende da nossa união com Cristo. É pela união com Ele, todo o dia, a toda a hora, é permanecendo nEle, que podemos crescer em graça. Ele é não somente o autor, mas também o consumidor da nossa fé. É Cristo no princípio, no fim e sempre. Ele deve estar connosco, não só no princípio e fim da nossa carreira, mas a cada passo do caminho. Diz David: «Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim: por isso que Ele está à minha mão direita nunca vacilarei» (Salmos 16:8).

«Como posso permanecer em Cristo»? — perguntareis vós. — Do mesmo modo como O recebestes. «Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nEle». «O justo viverá da fé» (Hebreus 10:38, Colossenses 2:6). Entregastes-vos a Deus para serdes inteiramente Seus, para O servirdes e Lhe obedecerdes, e aceitastes a Cristo como o vosso Salvador. Não podíeis por vós mesmos expiar os vossos pecados ou mudar o vosso coração; mas tendo-vos dado a Deus, crestes que Ele faria tudo isso por vós, por amor de Cristo. Pela fé viestes a pertencer a Cristo; é ainda pela fé que deveis crescer nEle — dando e recebendo. Deveis *dar* tudo — o vosso coração, a vossa vontade, e vosso serviço — dar-vos a vós mesmos; e deveis *receber* tudo — Cristo, a plenitude de todas as bênçãos, a vossa força, a vossa justiça, o vosso amparo constante, a fim de vos dar o poder para obedecerdes». *Aos Pés de Cristo*, 67, 68.

Depois de lutar e lutar, tentando consegui-lo sozinho, eu estava pronto para tentar um novo método. E descobri que resulta!

Sim, é fácil cair na velha rotina. Será fácil depois de passada esta Semana de Oração arrastar-se pela estrada da vida. Repetidamente começamos bem, recomeçamos, e depois gradualmente diminuímos o passo. O que acontece é que normalmente sem darmos por isso, tentamos correr à nossa maneira, conforme o nosso fôlego.

Pois agora eu sei onde está a luta. Para mim o problema não é maior determinação, empurrando-me com a força de vontade, rangendo os dentes num esforço para cortar a meta. Não, agora a luta é deixar que Jesus seja o centro da minha vida cada dia, *dando-Lhe* tudo e *aceitando* tudo o que Ele oferece.

Isso significa que não posso negligenciar uma conversa com Ele cada manhã. Se eu me apressar para o trabalho, planeando dedicar mais tarde algum tempo à meditação, nunca é a mesma coisa. Logo desde o início eu devo encontrar tempo para vir a

Ele tal como fiz quando primeiramente me tornei cristão. Ao fazer isso, o dia enche-se de alegria e de surpresas de significado e poder.

Espero que esta semana vos tenha chegado como boas novas. Jesus anunciou boas novas; Ele é as boas novas! Ao O contemplarmos vêmo-Lo como Alguém que é gracioso e amável, Alguém que cuida de nós acima de tudo, Alguém que nos pode ajudar. Com Ele, nós chegamos à meta. Sem Ele, nada podemos fazer.

A corrida continua. A nossa corrida continua. O estádio está lotado; as multidões aclamam-nos. Olhando para Jesus, nós chegaremos à meta. Avante para a meta, para nos alegrarmos na vitória que Ele nos conseguiu! Lembrai-vos que «Nada é aparentemente mais fraco, e contudo realmente mais invencível, do que a alma que sentindo-se nada descansa inteiramente nos méritos do Salvador. Deus mais facilmente enviaria todos os anjos do céu em auxílio de tal alma do que permitiria que ela fosse vencida.» (7T, 17).

Sessão da Conferência Geral

Dallas, 17 a 27 de Abril de 1980

Encontra-se constituída a delegação da União Sul Europeia que estará presente a esta Sessão da Conferência Geral e que será integrada pelos seguintes elementos:

DA UNIÃO:

Eliseu Cupertino — Delegado 'at large'
Juvenal Gomes — Delegado regular
David Sanguesa — Delegado especial

DAS ASSOCIAÇÕES E MISSÃO:

Espanha: António Bueno — Delegado regular
Grécia: Yalelis Leland — Delegado regular
Itália: Gianfranco Rossi — Delegado regular
Mário Maggolini — Delegado especial
Silo Agnello — Delegado especial
Portugal: Joaquim Morgado — Delegado regular

A Educação Escolar

(Resumo do trabalho apresentado pela Prof.^a Dália Mateus no 1.º Colóquio Adventista sobre Saúde e Educação, que teve lugar na Amadora, em 24 de Novembro de 1979).

«Educação — Desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, mentais e espirituais.» *

A criança, aquele ser em desenvolvimento e não um adulto em miniatura, é-nos entregue para que o eduquemos.

I — O DESENVOLVIMENTO FÍSICO

«O que quer que promova a saúde física, promoverá um carácter bem equilibrado.»

Devemos ensinar à criança a posição correcta, tanto de pé como sentada, para que respire bem e tenha boa oralidade. As roupas devem ser cómodas e não apertadas. Mostrar-lhe o valor da luz solar e da ventilação. Desde muito jovens devem ser alertados contra o perigo do uso de estimulantes, drogas e bebidas alcoólicas. Devem ter hábitos de temperança no comer e no dormir. «A confusão e sonolência mentais muitas vezes são resultado de erros de regímen.»

Os exercícios físicos e movimentações lúdicas são muito importantes. O trabalho manual é também um bom meio de cultura. Deve ser promovido pelo professor e estimulada a criança a executá-lo. Deve-se, em resumo, fazer sentir à criança que todo o tempo gasto em exercício físico não é tempo perdido.

II — DESENVOLVIMENTO DAS FACULDADES INTELLECTUAIS E MORAIS

Neste ponto o mais importante é a formação do carácter. «A formação do carácter é a obra mais importante que já foi confiada a seres humanos».

Hoje a educação é orientada no sentido do proveito próprio, e nunca os jovens antes tiveram perigos tão grandes a enfrentar. Não só nos métodos de ensino, mas nos assuntos estudados.

Que dizer do ensino da literatura com os seus autores profanos? A ficção científica — o que ela dispersa os alunos e o tempo que lhes rouba... O estudo da ciência — com teorias como o evolucionismo... Para ficar de pé em meio de tantas convulsões só com grande apoio e orientação da parte do professor a criança se poderá formar.

Quais serão os métodos a usar na formação, visto que educar é formar?

Durante séculos a educação tinha que ver especialmente com a memória. Provou-se que isso não formava, mas, sim, tornava o estudante incapaz de esforço vigoroso e de confiança em si próprio.

O ensino deve ser orientado no desenvolvimento individual para levar a criança a discernir por si e a usar a sua capacidade de raciocínio. O aluno deve ser estimulado para que possa desenvolver todas as suas faculdades. Deve ensinar-se o poder da aplicação e orientar a educação no sentido prático da vida. Bem orientado, todo o estudo pode tornar-se um auxílio na solução dos problemas.

E o fim será atingido: A formação de homens e mulheres que possam desempenhar cabalmente as suas responsabilidades na vida.

Temos que ter em conta que muitas crianças não recebem no lar uma educação satisfatória. Algumas são demasiado mimadas, não responsabilizadas, falta-lhes perseverança e encaram a disciplina como restrição desnecessária. Outras são censuradas e desanimadas. As restrições arbitrárias desenvolveram nelas obstinação e desafio.

Estes caracteres terão que ser remodelados através da simpatia e da intuição do professor, que irá descobrir as razões que motivam os erros e faltas.

Aqui se concretiza a obra da educação: na possibilidade de descobrir a causa das faltas e erros dos alunos e, com tacto, paciência e firmeza, providenciar para cada caso o auxílio necessário.

O professor terá que ser firme e decidido, mas não opressor ou ditatorial. A criança só será influenciada para bem se não for tratada indiferentemente e com aspereza.

III — DISCIPLINA

Uma das primeiras lições que a criança precisa aprender é a disciplina.

Este hábito deve estabelecer-se por meio de um esforço brando mas persistente.

O objectivo é ensinar a criança a governar-se a si mesma.

O esforço para *quebrar a vontade* de uma criança é um erro terrível. Se persistirmos não criaremos senão autómatos.

A vontade deve ser dirigida e modelada, mas não esmagada. Deixemos-lhe a *força de vontade*, pois na vida ela lhe irá ser muito necessária.

As regras devem ser poucas e objectivas, e uma vez feitas devem ser executadas.

«Ensine-se à criança e ao jovem que todo o erro, toda a falta, toda a dificuldade vencidos se tornam um degrau de acesso a coisas melhores e mais elevadas».

* As citações apresentadas neste trabalho são extraídas do livro *Educação*, de E. G. White.

EXTRACTO DO CATÁLOGO DA PUBLICADORA ATLÂNTICO, S.A.R.L.

ALGUMAS OBRAS DE E. G. WHITE

Actos dos Apóstolos	230\$00
Guia de Estudo para Actos dos Apóstolos	45\$00
Conselhos sobre Educação	380\$00
Conselhos sobre a Escola Sabatina	180\$00
Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes	200\$00
Conselhos sobre o Regime Alimentar	210\$00
Conselhos sobre Saúde	500\$00
Cristo em Seu Santuário	100\$00
Desejado de Todas as Nações, O	360\$00
Educação	300\$00
Guia de Estudo para Educação	50\$00
Evangelismo	280\$00
Guia de Estudo para Evangelismo	50\$00
Fundamentos da Educação Cristã	540\$00
Grande Conflito, O	400\$00
História da Redenção	250\$00
Lar Adventista, O	120\$00
Guia de Estudo para O Lar Adventista	40\$00
Medicina e Salvação	270\$00
Mensagens Escolhidas, Livro I	300\$00
Mensagens Escolhidas, Livro II	300\$00
Mordomia e Prosperidade	300\$00
Obreiros Evangélicos	350\$00
Orientação da Criança	160\$00
Guia de Estudo para Orientação da Criança	40\$00
Parábolas de Jesus	250\$00
Patriarcas e Profetas	300\$00
Primeiros Escritos	210\$00
Reavivamento e seus Resultados	70\$00
Santificação, A	100\$00
Serviço Cristão	60\$00
Guia de Estudo para Serviço Cristão	40\$00
Solução é Cristo, A (Aos Pés de Cristo)	12\$00
Temperança	150\$00
Testemunhos Selectos, (3 volumes)	1 080\$00
Vida Campestre	30\$00
Vida de Jesus	460\$00

OBRAS DE OUTROS AUTORES

Apocalipse Revelado, O	100\$00
Assim Falava Jesus	100\$00
Bebé, O	40\$00
Cantai ao Senhor, s/ música	120\$00
Como Testemunhar para Cristo	120\$00
Guia de Estudo para Como Testemunhar para Cristo	25\$00
Doutrinas da Bíblia, Vols. I, II, III, cada	7\$50
Escravos do Século XX	85\$00
Eu Trabalho para Deus	12\$50
Fé de Jesus, A	40\$00
Guia de Formação Pessoal	350\$00
Juventude Ameaçada	85\$00
Manual de Doutrina	20\$00
Pequenas Histórias para Gente Pequena	200\$00
Saúde pelos Alimentos	450\$00
Saúde pelos Tratamentos Naturais	450\$00
Suprema Esperança do Homem, A	100\$00
Uma Verdade Desconhecida	100\$00

EDIÇÕES BRASILEIRAS

Amor, Sexo e Erotismo	440\$00
Ana Stahl dos Andes e Amazonas	140\$00
Belas Histórias da Bíblia, As — Vols. 1 - 5, cada	600\$00
Ciência Médica e o Espírito de Profecia, A	85\$00
Como Escolherei Minha Profissão	10\$00
Crede em Seus Profetas	210\$00
Crise e Vitória	30\$00
Deus e a Evolução	100\$00
Dom de Profecia, O	100\$00
Educação para o Adventismo	180\$00
E. G. White e a Igreja Adventista	50\$00
Forças que Actuam na Mente Humana	370\$00
Fumar Distrai ou Destrói?	190\$00
Ideais no Cortejar	10\$00
Ilusão da Droga, A	220\$00
Pastor, Estou Amando	180\$00
Radiografia do Jeovismo	180\$00
Sexo e Planeamento Familiar	45\$00

«...Através de todo o mundo devem as publicações fazer a mesma obra feita por João Baptista para a nação judaica. ... 'Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos Céus', era a mensagem de João. S. Mat. 3:2. Esta mesma mensagem, por meio de publicações das nossas casas editoras, deve ser proclamada ao mundo hoje.»

...«Assim como João preparou o caminho para o primeiro advento de Cristo, devemos nós prepará-lo para o segundo advento do Salvador. Nossos estabelecimentos de publicações devem exaltar as reivindicações da lei de Deus calcada a pés.»...

«É em grande parte por meio de nossas casas editoras que se há de efectuar a obra daquele outro anjo que desce do céu com grande poder e, com sua glória, ilumina a Terra.»

«Nossas casas publicadoras são centros designados por Deus, e por meio delas há de ser realizada uma obra cuja magnitude não é ainda compreendida.»

— Testemunhos Selectos, Vol. 3, Págs. 140, 141, 142 e 146.